



José Lhomme

O ALÉM AO ALCANCE DE TODOS

COMO SE TORNAR UM MÉDIUM?
ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES
COMO SE SERVIR DA MEDIUNIDADE?



Autores Espíritos Clássicos



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

O além ao alcance de todos

José Lhomme

Original em francês, de 1937:

L'au-delà à la portée de tous

Tradução: Abílio Ferreira Filho

Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes

Formatação: Ery Lopes

Agradecimentos: César Sátiro dos Santos
(Centre Spirite Chico Xavier)

Versão digitalizada:

© 2021

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritas Clássicos



JOSÉ LHOMME

O ALÉM

AO ALCANCE DE TODOS

COMO SE TORNAR UM MÉDIUM?
ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES
COMO SE SERVIR DA MEDIUNIDADE?

Que se faça a luz! Fé do passado, Ciências, Filosofias, iluminai-vos com uma nova chama. Escutai as vozes reveladoras do túmulo: elas vos trazem uma renovação do pensamento com os segredos do além que o homem tem necessidade de conhecer para viver melhor, melhor agir, melhor morrer.

Léon Denis

Éditions Caritas
Liège (1937)
France

Sumário

José Lhomme — pág. 7

Prefácio — pág. 10

Introdução — pág. 15

Método geral — pág. 18

Passos a seguir — pág. 19

Precauções a tomar — pág. 20

Espécies de sujetos e médiuns — pág. 22

Médiuns — pág. 23

Advertência — pág. 24

PRIMEIRA PARTE

Para se tornar sujet psíquico ou médium? — pág. 26

CAPÍTULO I – Os sujetos e os médiuns telepáticos — pág. 27

A telepatia — pág. 28

A psicometria — pág. 33

A diagnose das doenças — pág. 36

Rabdomancia — pág. 37

A vidência — pág. 39

A linguagem simbólica das visões — pág. 47

Os sujetos hipnóticos e magnéticos — pág. 50

A clarividência e a clariaudiência — pág. 52

CAPÍTULO II – O médium de incorporação — pág. 57

CAPÍTULO III – Sujets psíquicos e médiuns de exteriorização fluídica —
pág. 60

Fotografia transcendental — pág. 63

Fotografia do pensamento ou psicografia — pág. 64

- Fotografia espírita — pág. 65
- Terapêutica espiritual — pág. 66
- O curador magnetizador — pág. 67
- O sujet mumificador — pág. 68
- As forças espirituais que curam — pág. 68
- A mediunidade de efeitos físicos — pág. 69
- O médium de materialização — pág. 73
- O médium de escrita direta — pág. 75
- O médium de vozes diretas — pág. 75
- O médium de transportes — pág. 76

SEGUNDA PARTE

Como se servir da mediunidade, organização das sessões, Controle das manifestações espíritas — pág. 77

- Noções gerais — pág. 78
- Práticas das sessões — pág. 83
- Sessões de efeitos físicos (em grupo privado) — pág. 85
- Sessão psíquica — pág. 92
- Conselhos — pág. 99
- Os grupos públicos — pág. 100
- Sessões de moral e de iniciação espiritual (em grupo privado) — pág. 101
- Sessão demonstrativa ou de propaganda para a vulgarização do espiritismo — pág. 102
- Sessão de desenvolvimento mediúnico (em grupo privado) — pág. 103
- Conclusões — pág. 105



Presidente de Honra da União Espírita Belga
Conselheiro Sênior da Federação Espírita Internacional

José Lhomme

(1890 - 1949)

Estes que nos precedem...

Um Grande Pioneiro: Senhor JOSÉ LHOMME

Se a certeza na sobrevivência da alma não animasse ao mesmo tempo a razão e o coração dos espíritas, nós poderíamos afirmar que o Espiritismo internacional está neste momento de luto.

Com efeito, a morte de José Lhomme não atinge somente a Bélgica amiga, ela atinge o mundo espírita por inteiro, de tal modo era forte sua personalidade, de tal modo suas qualidades de bom senso e de inteligência eram profundas e vivas, que, embora nossas convicções, nós lamentamos seu humano desaparecimento, quando contando apenas 59 anos, restava-lhe ainda tanto a fazer entre nós.

Temos razão de reconhecer em José Lhomme uma grande boa-vontade, uma probidade total, tão escrupulosa, de uma bondade natural, tão simples, tão acolhedora para todos. Ele deu prova ao longo dos anos de tal maturidade moral, intelectual e espiritual! Sua aquisição, resumo de tantas existências ativas e dolorosas, totaliza enormes conhecimentos, um grande cuidado do bem, um profundo amor a verdade, de que sua vida foi um exemplo. Que seja como membro da educação de seu país - onde ele se devotou com todas as suas forças à formação da infância, - ou como homem - onde, nos atos de todos os dias, seu devotamento, sua afabilidade, lhe suscitaram tantas simpatias, tantas amizades ferventes, - ou como espírita, - onde seu papel tornou-se tão preponderante, - ele foi sempre igual a si mesmo.

José Lhomme, era um professor, quando estourou a primeira guerra de

1914-1918, da qual participou ativamente. Gravemente queimado pelo gás, voltou da guerra com a saúde debilitada, que a sua aparente robustez escondia.

Ao se casar com Anna Streel, ele entrou em uma família espírita e assistiu às sessões espíritas, primeiro como um cético, depois com interesse crescente. Ele começou a estudar profundamente esses fenômenos de forma científica e se tornou um convicto defensor dos ensinamentos do mestre de Lyon e fez assim da cidade Liège, o centro belga de divulgação do Espiritismo.

Kardecista a todo custo não tolerava quem se desviasse dos ensinamentos imortais codificados por Allan Kardec. Ele também tinha muito que lutar contra aqueles que praticavam a mediunidade sem ter estudado profundamente o Livro dos Espíritos e o Livro dos Médiuns ditado pelos imortais.

Presidente de honra da União Espírita Belga de 1938 a 1949, da qual ele foi durante muitos anos o presidente efetivo e diligente, assumiu a direção da *Revista Espírita Belga*, fundada em 1894, e foi seu diretor de 1921 a 1947, ele foi, além disso, um dos ardorosos conselheiros da Comissão Executiva da Federação Espírita Internacional sobre direção mestra de Jean Meyer. Com estas responsabilidades tão pesadas, a estas funções tão diversas e tão delicadas que lhe permitiram desenvolver toda sua medida, ele se doa sem contar, não economizando nem seu tempo, nem suas lutas, nem seus modestos recursos, ajudado nisto, apoiado constantemente com uma magnífica compreensão e igual generosidade por sua admirável companheira, madame Anna J. Lhomme, dedicada, como ele, da grandeza e da verdade do Espiritismo Kardecista.

A partida de nosso caro amigo coloca fim assim, sobre o plano humano, a colaboração de dois seres, unidos por tantos laços do espírito e do coração, por uma mesma necessidade de espalhar as certezas que, pouco a pouco, eles tornaram-se os detentores, em justa recompensa de seu zelo e de sua abnegação. Neste domínio, com efeito, não há ilusões, nem mentiras possíveis; não recebemos senão na medida em que tenhamos trabalhado, lutado, sofrido, adquirido pelo esforço constante de cada dia, que tenhamos doado e perseverado na via desinteressada do “serviço”. Senhor e senhora José Lhomme são, nesta via, “guardiões” que devem inspirar as novas gerações e isto tanto que, é cada vez mais raro, nesta época cúpida onde o

egoísmo é rei, de encontrar bons pastores que, mais que nunca, no entanto, a multidão tem necessidade.

Assim José Lhomme não nos deixa de mãos vazias. Ele deixa, entre outros, a estes que seguirão seus traços, uma herança de uma excepcional riqueza que se resume, por um lado, no impulso que ele soube dar à União Espírita Belga, ao organismo internacional que o tinha acolhido, à revista que ele tanto amou e em sua obra escrita, pois ele foi um autor de renome, tendo sido um experimentador atento, de uma sagacidade, de uma objetividade que deveria invejar o maior nome entre os observadores modernos, muito frequentemente dispostos a tomar, no domínio da fenomenologia, as aparências pela realidade.

Suas obras principais — todos as conhecem, tanto são difundidas — tem por título: *O Guia do experimentador Espírita*, agora esgotada; *O Além ao Alcance de Todos*, que me foi dado prefaciá-lo; *O Fenômeno das Mesas Falantes*, tão instrutivo sob vários aspectos; *Quinze Histórias do Além Vividas e Comentadas*, em curso de edição e tão eloquentemente demonstrativas, e, enfim, *O Livro do Médiun Curador*, que será publicado brevemente e que venho igualmente de prefaciá-lo, tanto apresentam de interesse estas simples lições oferecidas a todo trabalhador consciencioso.

Hubert Forestier

Vice-Presidente da Federação Espírita Internacional

Revista Espírita de Julho de 1949

Prefácio

Após ter lido com toda a atenção que merece o manuscrito de ***O Além ao alcance de Todos***, eu fico feliz em felicitar seu autor, o Senhor José Lhomme o muito ativo diretor da excelente *Revista Espírita Belga*, pela importância e utilidade desse trabalho que eu gostaria de ver não somente entre as mãos dos recém chegados ao Espiritismo, mas nas dos chefes de grupos; aqueles que abordam a experimentação e têm a missão de ensinar a filosofia dos Espíritos, de fornecer a prova da evidência e da grave importância do “fato espírita”.

Não se improvisa um experimentador; não se pode abordar o lado prático do espiritismo sem uma longa preparação, um estudo consciencioso e difícil. Eu estimo, em consequência, que a obra do Senhor J. Lhomme é indispensável ao conhecimento. Mesmo aqueles que tiveram a vantagem de se familiarizar com nossas abstratas questões há anos e que tiveram, assim, a ocasião de se dedicar a observações numerosas, lerão com proveito essas páginas contendo não somente o resultado de importantes trabalhos de uma das personalidades do movimento espírita atual, mas que resumem e relembram com discernimento os conselhos, as diretivas esquecidas ou muito mal conhecidas de Allan Kardec e de seus nobres discípulos: Léon Denis e Gabriel Delanne. É, no entanto, em penetrando o pensamento de nossos Mestres que os espíritas se manterão no caminho que eles magnificamente nos traçaram. Muitos dos nossos, é preciso ser dito, ignoram nossos grandes antecessores; seus ensinamentos, e suas obras, merecem, no entanto, um estudo aprofundado e atencioso da parte dos que, sinceramente, querem conhecer e compreender nossa doutrina tão solidamente estabelecida sobre a observação positiva dos fatos. Aconselharemos aos novatos do espiritismo de se dedicarem à experimentação somente após um conhecimento sólido dos princípios

fundamentais que estão na base de nossa filosofia científica. Eu bem sei que em nossa época faz-se prova menos constante do que outrora no estudo, e é uma das razões que me faz ainda mais ainda recomendarem a obra do Senhor J. Lhomme, na qual nosso autor resumiu em algumas páginas, com competência e simplicidade, em um estilo sóbrio e comedido, tudo o que se diz presentemente conhecer do espiritismo experimental. Sem se assustar com o trabalho de suas pesquisas pacientes e prolongadas que teve que se impor para acrescentar aos resultados de sua experiência pessoal o conjunto da documentação que ele nos oferece, o Sr. J. Lhomme nos mostra de modo preciso as condições de nossas relações com o Mundo Invisível, as leis da mediunidade, os meios de desenvolver, de aperfeiçoar e de utilizar essa faculdade de formas tão variadas, os inconvenientes que apresentam os abusos e também os perigos do emprego desses “dons” para os fins contrários à caridade e à elevação moral e espiritual dos interessados. O Sr. J. Lhomme não deixa, além disso, de insistir sobre a prudência da qual se deve dar prova na apreciação dos fenômenos de todas as ordens que podem se apresentar ao experimentador atento, e, lembrando a palavra de Gabriel Delanne, o Sr. J. Lhomme mostra de modo bastante preciso a propósito, que, contrariamente à opinião divulgada por certa imprensa mais servil que independente: os espíritas (Os espíritas documentados se entendem; não é espírita aquele que, sem esforço moral e intelectual, se contenta em se dedicar à experimentação elementar, deixando de refletir sobre as consequências filosóficas, científicas e morais que decorrem das manifestações mediúnicas), longe de aprovar as divagações de cérebros doentes ou as manifestações de duvidosas origens, são temporários observadores dos fatos, e positivistas em toda a acepção do termo.

Esse pequeno livro chega em uma hora favorável pois, como eu declarei recentemente, se a maior parte dos milhares de grupos, oficiais ou privados, espalhados sobre todos os pontos da terra dão prova de uma grande atividade, devemos reconhecer com vivo contentamento que, malgrado a oposição manifesta de alguns em quererem desacreditar o espiritismo, um vasto movimento de atenção se confirma em favor de nossas questões e, mesmo aqueles que nos combatem com uma violência que inspiram somente seus interesses ameaçados, o fazem com tristeza constatarem: “O Espiritismo espalha-se cada vez mais nas diferentes classes

da sociedade; as estatísticas não permitem nenhuma dúvida sobre esse ponto”.

A imprensa por seu lado, malgrado algumas flechas disparadas de tempos em tempos, se faz mais atenta que outrora às novas manifestações espíritas. Em um número de *A Antologia Mensal*, eu me lembro ter lido essa frase reconfortante se reportando ao interesse que suscitam nossas pesquisas: “As ciências ditas ocultas, têm uma feliz recrudescência de atualidade. Elas são a prova de um despertar espiritualista que se estende com rapidez no mundo inteiro. Elas marcam o declínio do materialismo do século XIX. Mas isso não é um retorno às velhas superstições, o espírito crítico e experimental hoje as anima. Elas têm o direito na literatura, seja do ponto de vista filosófico, seja mesmo do ponto de vista do romance”.

Por outro ponto de vista, eu não teria, certamente, dificuldade em citar aqui, entre os contemporâneos, nomes de homens conhecidos que, ontem céticos ou indiferentes, se interessam hoje com o grande problema da sobrevivência, tal como resulta nosso espiritualismo experimental. É verdadeiro dizer que a literatura se inspira fortemente em nossas pesquisas, em nossos princípios da fenomenologia supranormal.

Por outro lado, eu não teria, decerto, dificuldade de citar aqui, entre nossos contemporâneos, nomes de homens conhecidos que, ontem céticos ou indiferentes, se interessam hoje pelo grande problema da sobrevivência, tal como resolve nosso espiritualismo experimental.

Constatar esse avanço de nossa doutrina, nos meios até o presente estreitamente fechados, nos é um estimulante em nossa tarefa cotidiana. Após o longo período de espera, de oposição, aos tempos melhores se anunciam próximos. De resto, se o espiritismo, como o clamam ainda adversário, não era senão uma mistificação, não teria sobrevivido a mais de três quartos de século de ataques e de lutas homéricas, estaria há muito tempo sepultado nas trevas do esquecimento. Felizmente para nossa pobre humanidade de miséria, percebe-se a autenticidade e a alta importância das manifestações que estão na base do espiritismo e não podem mais ser colocadas em dúvida nessa hora em que elas são cada vez mais objetos da atenção dos mais sábios e pensadores ilustres entre os homens.

Quando à filosofia dos Espíritos que procede do “fato espírita”, ela impõe o respeito dos simples e dos grandes. Nenhuma doutrina no mundo responde tão bem às inquietudes da razão e às necessidades do coração

humano. Ela descobre nos homens horizontes consoladores e radiantes, dá um sentido ao sofrimento, explica as razões da prova pela necessidade da depuração, da elevação de nosso “eu” imortal, de nossa alma. Ela nos ensina os deveres a que estamos incumbidos e nos demonstra a existência da grande lei de solidariedade que liga todos os homens, todos os seres, em qualquer grau da evolução ao qual eles pertencem. Ela nos traz a prova de que nós não somos decaídos, mas, ao contrário, chamados a um desenvolvimento crescente de nossa individualidade, até alcançar a compreensão do Divino do qual nós emanamos e em direção do qual nós somos conduzidos através da peregrinação de nossas existências sucessivas.

A solução científica dos problemas da vida e da morte que traz assim à razão o espiritismo é de tal gravidade que nenhum homem de boa-fé tem o direito de se desinteressar. Assim como declarava o apóstolo zeloso do pacifismo, fervoroso animador da escola naturalista francesa, é preciso levar em conta que: “velhas afirmações das religiões reveladas não são mais suficientes a bem de espíritos assombrados para o eterno mistério de após a vida, do destino transcendente da humanidade e mesmo da natureza real da vida. As afirmações do materialismo clássico são bem ultrapassadas. É verdadeiro que certas autoridades são fiéis ao dogmatismo ridículo e falso que, no meio do século último, afirmava solenemente em nome da Ciência, com um grande C, que nada existia fora da matéria, fonte primeira de toda manifestação vital.

Mas os progressos das ciências e, em particular, da física, pulverizaram um complemento tão numeroso de velhos dogmas científicos e tão bem restabelecidos em questão certas interpretações “oficiais” dos fatos naturais, que os verdadeiros sábios são de uma extrema prudência em face de certos fatos obscuros e se resguardam da atitude negativa, decidindo, com segurança e definitivo que caracteriza os espíritos superficiais.

Encorajar aqueles que pesquisam, aqueles que duvidam, aqueles que sofrem, a abordar o estudo da filosofia espírita é, em minha opinião, um serviço para se dirigir à inquietude humana. Eu agradeço então ao Sr. J. Lhomme o novo esforço que ele acaba de fazer oferecendo para todos os frutos de seus trabalhos e de suas meditações. Os leitores de o além ao alcance de todos compreenderão e realizarão, assim desejo, as sábias lições contidas nessa obra.

Tornados experimentadores capazes e avisados, espíritos conscientes da importância e do valor da filosofia dos Espíritos, dignificarão comigo o autor, de ter querido consentir, em sua nobre preocupação de ajudar a espalhar um espiritismo saudável e esclarecido, em se tornar por seu excelente livro, o guia e instrutor que eles buscariam.

Hubert Forestier

Vice-Presidente da Federação Espírita Internacional

Introdução

A experimentação, no que ela tem de belo e grande, a comunicação com o mundo superior, não consegue nem o mais sábio, mas o mais digno, o melhor, aquele que tem a maior paciência, consciência, moralidade.

Léon Denis.

Um dos fenômenos mais curiosos de nossa época é, seguramente, a marcha da Ciência em direção a novas concepções que pareciam dever derrubar o materialismo; as obras recentemente publicadas, tais como o *Tratado de Metapsíquica* de Charles Richet, os três livros de Camille Flammarion sobre a morte, outras publicações pelo mundo todo, sob a assinatura de autoridades as mais conhecidas e as mais respeitadas, nos provam que estamos à véspera de descobrir um novo mundo, o único real, o mundo invisível.

Para realizar seu papel providencial, o Espiritismo deve dar ao mundo as provas científicas da sobrevivência da alma, fonte de reconforto e consolação, senão corre o risco de tombar na vala das religiões dogmáticas se limitando a afirmações muito frequentemente incontroláveis para os profanos.

Ora, é impressionante a impotência de certos grupos, ditos experimentais, a fornecer manifestações espíritas bem caracterizadas ou simplesmente, fenômenos psíquicos supranormais que são o prelúdio.

Alguns dirão que as manifestações espíritas não dependem de forma alguma de nós e que se deve forçosamente esperar, além disso a permissão de *Deus*, a boa vontade dos Espíritos cuja liberdade de responder ou não responder a nossos apelos está condicionada ao seu mérito moral e ao nosso.

Essa objeção, se é verdadeira para um indivíduo isolado, não o é que

trinta ou quarenta pessoas se dirigem sinceramente aos espíritos superiores com o objetivo de obter mensagens de sua parte.

Não se pode, com efeito, imaginar que todas as pessoas do mesmo modo que os espíritos evocados sejam todos desprovidos de qualidades morais, assim como se poderia insinuar para um ou alguns indivíduos.

Aliás, a chegada de um bom médium clarividente em um meio pouco propício ou refratário é suficiente algumas vezes para proporcionar fenômenos surpreendentes de verdade e de espontaneidade.

Quais são as causas dessa contradição? Eis aqui:

1. Os grupos públicos de evocação não empregam geralmente senão médiuns de *incorporação* (falantes, escreventes, de premonição etc.) cujas faculdades reclamam para ser frutuosa, um ambiente moral perfeito e a homogeneidade do círculo experimental, coisas impossíveis de se obter se se permite a renovação contínua dos assistentes.
2. Esses agrupamentos negligenciam às vezes de desenvolver seus médiuns em sessões especiais e permitem sensitivos não desenvolvidos de prosseguir suas tentativas em público.
3. A insuficiência do controle causada pelo receio de um fracasso podendo desencorajar os assistentes não suficientemente iniciados, ou um controle mal compreendido, levam pouco a pouco a uma diminuição, uma obliteração das faculdades mediúnicas já desenvolvidas.
4. Grupos abandonam pouco a pouco o fato demonstrativo para se fixar na filosofia apoiada ordinariamente por fenômenos psíquicos ou espíritas não suficientemente estabelecidos. Fazendo isso, eles esquecem que a filosofia dos supraterranos tem tudo a ganhar se ela é acompanhada de um fato indubitável: encarnação identificável ou clarividência que descobre as presenças invisíveis e frequentemente, estão no fundo dos corações. Sem o fenômeno bem caracterizado em que se sente a mão invisível que aciona o mecanismo sutil, a moral é de um alcance reduzido e frequentemente sem efeito.

Uma reação séria se impõe por isso, sobretudo se se considera, de outro modo, o desenvolvimento extraordinário das sociedades espíritas religiosas (notadamente inglesas) onde o fato espírita e psíquico é muito

honroso.

Como provocá-la?...

... Dando a todos os pesquisadores conscienciosos desejosos de levar em conta a veracidade dos fatos psíquicos e espíritas os meios de desenvolver neles ou nos outros, faculdades psíquicas latentes, nas melhores condições possíveis.

É para a intenção desses investigadores do desconhecido que esta obra foi composta.

Os métodos e processos que aqui são preconizados, foram inspirados por uma experimentação coroada de sucesso. Esperamos que eles permitam aos nossos leitores as satisfações que eles nos promoveram.

Método geral

Princípio

Sobressai da observação cotidiana que *Deus permite sempre a um espírito desencarnado se elevar até ele e que não o autoriza a retomar contato com o mundo e os seres mais materiais senão com um objetivo de caridade ou instrutivo.*

Daí resulta que a clarividência que deixa aos espíritos a totalidade de suas faculdades espirituais estabelecendo com eles a comunicação psíquica em um plano imaterial, é o meio ideal, o mais seguro e o mais rápido para entrar em comunicação com os invisíveis.

Bem como dando ao experimentador, uma impressão mais profunda da realidade das manifestações espíritas, *a incorporação mediúnica* (médium escrevente falando à materialização), exigindo uma descida do espírito na matéria corporal que obnubila suas faculdades superiores e reaviva suas lembranças por vezes atraentes ou dolorosas, não poderá ser utilizada senão nas condições dadas, notadamente: *a ambiência moral elevada, a harmonia dos pensamentos dos assistentes, e o objetivo caritativo da reunião (moralização dos espíritos) e o desejo sincero de se instruir.*

Procedimento normal

Ora, o mais frequente, o futuro médium negligencia o desenvolvimento da *sensibilidade psíquica consciente* para pesquisar unicamente as manifestações mais tangíveis.

Por isso, é feito apelo diretamente ao invisível se colocando em um estado de passividade absoluta propícia à recepção de uma influência psíquica exterior. Essa primeira tentativa se realiza ordinariamente sob o controle de um médium formado, de um diretor de sessão ou muito frequentemente também, sem controle de tudo!

Se o médium guia é bem inspirado ou se o diretor de sessão é

esclarecido, o aluno médium não corre nenhum mal. No caso contrário, isto é, que o médium guia não é bem assistido (mal ambiente, imoralidade etc.) ou quando o chefe de sessão, na expectativa da vinda de uma manifestação, se limita a uma observação relaxada do sujet, este permanece vários meses, por vezes anos, sob uma *influência* desconhecida. Quando ele quiser reagir, o trabalho de redirecionamento será longo e difícil.

PASSO A SEGUIR

Mediunidade intelectual

Eis por que nós tínhamos pensado que era altamente desejável desenvolver o sujet conservando em si o exercício de seu julgamento, controlando constantemente suas faculdades supranormais nascentes.

Para chegar aí, é indispensável aumentar sua sensibilidade indo do conhecido para o desconhecido, provando sobre objetos ou seres cuja história pode ser a todo momento verificada, para em seguida, após um noviciado bastante longo, autorizá-lo a trabalhar com o além-túmulo.

Em outros termos, acreditamos que é preferível formar sujetos psíquicos antes de tentar a experiência mediúnica espírita prosseguindo até à incorporação (Ver sessão psíquico-espírita, página 157).

Outras vantagens: os resultados com os sujetos psíquicos são sempre mais rápidos e se obtêm à vontade após um certo treino, contrariamente ao que se passa na mediunidade.

Essa ideia que temos visto aplicada com o maior sucesso no grupo experimental do Sr. e Sra. Richard, em Douai (França) e que temos provado nós mesmos com inteira satisfação com pessoas não tendo iniciado nenhuma faculdade transcendente, nós permitimos elaborar o método progressivo que vem a seguir.

Mediunidade de efeitos físicos

Para o que diz respeito à mediunidade de efeitos físicos, a passividade absoluta segue o estado de transe indo por vezes até à catalepsia, é de necessidade absoluta. Para alcançar um uma apreciável, o médium deve *sofrer* uma influência estranha que controla sua vitalidade. Compreende-se

que o desenvolvimento de um médium dessa espécie deve requerer certas precauções.

Antes de empreender o trabalho, de importantes consequências, o chefe de grupo deve primeiro se certificar:

1. Que o futuro médium está apto à exteriorização fluídica (antecedentes mediúnicos, manifestações espontâneas, ação sobre a mesa, ação sobre a placa fotográfica etc.)
2. Que o espírito em torno dele é bem-intencionado (moralidade do sujet, indicação de um outro médium desenvolvido). Somente então, poder-se-á proceder às sessões de treinamento.

PRECAUÇÕES A TOMAR

Os bons espíritos não assistem senão àqueles que servem a Deus Com humildade e desinteresse e eles repudiam Quem quer que seja que busca No caminho do céu um estribo para as coisas da terra.

Allan Kardec (O Livro dos Espíritos)

O sujet psíquico ou espírita, ao se sensibilizar, receberá mais facilmente as influências estranhas, boas e más e deverá infalivelmente lutar contra o *parasitismo das inteligências inferiores* que, querendo empregar sua faculdade para seus fins egoístas, aniquilarão seus esforços e perturbarão a recepção de uma mensagem vinda de um plano superior.

Para eliminar esse parasitismo psíquico, o sujet tem vários meios à sua disposição:

1º O primeiro de todos é seguramente *sua vontade*. Em nenhum caso, o médium dever aceitar *sem controle* as sugestões que lhe são dadas. Ele deve a todo o momento ter consciência de sua liberdade e não a alienar sem nenhum pretexto, mesmo muito aliciante.

Ele pode mesmo se recusar a atividade espírita se julgar bom assim, se baseando no fato que um *espírito bom não se imporá jamais a um médium*, qualquer que sejam as circunstâncias, e respeitará sempre seu livre-arbítrio.

Entretanto, constantemente ocupado a se defender contra a intrusão nefasta de uma vontade mais tenaz, a vontade do sujeito perderia pouco a pouco de sua força se outros não viessem a sustentá-la.

2ª *A vontade de um magnetizador.* Ver-se-á em seguida na presente obra até que ponto a vontade de outrem pode reforçar a de um sujeito receptivo e com sua aceitação substituir provisoriamente aquela.

Essa ajuda não é senão passageira e mesmo insuficiente, se não for, por si mesma, apoiada pela prece.

3ª *A prece.* A prece é um apelo telepático a Deus e às forças espirituais superiores. A prece sincera feita sem pensamento escondido e com confiança é sempre atendida, ainda que seus efeitos não sejam sempre apreciados como o conveniente pelo solicitador terrestre. A Providência tem vias insuspeitáveis para conduzir o indivíduo a um estado espiritual superior adequado a seu progresso moral. Na realidade, o que nós chamamos infelicidade não é com frequência senão um meio empregado para nos fazer avançar na rota do progresso, nos liberando pouco a pouco de nossos laços materiais.

4ª *A cultura espiritual.* O leitor já se conscientizou de que a vontade, tomada no sentido particular do ato de querer, e a prece ocasional são duas forças de caráter precário que têm necessidade de ser apoiadas por um *esforço contínuo em direção à perfeição moral*: a cultura espiritual. Esta é uma educação do espírito que encontra sua aplicação no *desinteresse pessoal e no amor do próximo*.

Ela compreende:

- a) Um refinamento das atitudes intelectuais e morais pela observação e o estudo científico dos fenômenos naturais, assim como pelo estudo de filosofia que nisso resulta;
- b) A prática constante da caridade material e moral (uma vez que sem as obras é uma fé morta);
- c) A prece;
- d) O desapego progressivo dos gozos materiais em proveito dos gozos espirituais;
- e) A prática da tolerância.

N. B. A tolerância não implica na renúncia a suas ideias para adotar, mesmo momentaneamente, as de outros. Tolerância é antes sinônimo de respeito de crenças e opiniões de outrem.

Essa didática espiritual constitui em realidade o principal meio que elimina parasitismo psíquico ou espírita (feitiço ou obsessão).

A cultura espiritual realiza assim uma seletividade perfeita nas relações do sujeito com os diferentes planos espirituais e lhe permite ficar em contato com as entidades evoluídas.

5ª *A moralização da entidade obsedante*: em certos casos de obsessão caracterizada de pessoas hipersensíveis predestinadas à mediunidade, é algumas vezes eficaz moralizar diretamente o obsessor de sujeito, inconsciente de sua faculdade.

Para isso, evoca-se o espírito inferior em uma reunião moral dispondo de um médium que aceite generosamente se prestar a essa tentativa.

Essa operação não deve se fazer senão com médiuns aprovados, pouco nervosos e muito morais, a fim de evitar as reações por vezes violentas da entidade.

ESPÉCIES DE SUJETOS E MÉDIUNS

“O animismo está inteiramente contido no espiritismo e não será capaz de ser separado...”

Gustave Geley

Do que precede, pode-se deduzir que há três categorias de sujeitos ou médiuns:

1ª. A primeira se apóia nas faculdades telepáticas e telestésicas da alma humana;

2ª A segunda resulta da incorporação mediúnica;

3ª A terceira, da exteriorização de um fluido semimaterial, chamado ectoplasma.

Sujeitos psíquicos

1. Sujeitos passivos

O sujeito recebe do exterior uma impressão psíquica: imagem verídica ou simbólica, mensagem, vibrações.

1ª *ação telepática de um agente sobre o sujeito*:

Sujet telepático;

Sujet clarividente; (plano de vida material);

Sujet sonâmbulo.

2ª *Ação radio psíquica* de um agente ou de um objeto impregnado por um fluido psíquico:

Psicometria;

Diagnose de doenças.

3ª *Ação radioativa* de um objeto psiquicamente neutro

Rabdomancia (bastão, pêndulo, “soucier”).

2. Sujets ativos

1ª *Ação física do sujet*

Desdobramento psíquico (bilocação);

Magnetizador – Terapeuta;

Magnetizador – Mumificador;

Sujet fotógrafo (fotografia transcendental);

Sujets de efeitos psíquicos (sem causa inteligente aparentemente independente do médium).

MÉDIUNS

Os médiuns são essencialmente passivos.

1º *Interação telepática de um espírito e um médium:*

Médium vidente;

Médium clarividente (plano espiritual);

Médium clariaudiente;

Médium inspirado (literato, artista, orador etc.)

2º *Ação direta sobre um médium:*

Médium de incorporação: falante (orador)

Médium de incorporação: escrevente (psicógrafo);

Médium de encarnação;

Médium mecânico (psicógrafo, desenhista etc.)

3º *Ação de um espírito sobre o fluido mediúnico exteriorizado:*

Médium de cura;

Médium tiptólogo;

Médium fotógrafo;

Médium de materialização: efeitos telecinéticos, efeitos luminosos, vozes diretas, materialização e transporte.

N. B. O leitor observará que várias faculdades psíquicas se encontram na nomenclatura da mediunidade. Visto que o psiquismo não é senão um braço do espiritismo considerado como *Ciência da alma*, é lógico que o desenvolvimento de uma faculdade psíquica encontra seu prolongamento na mediunidade.

É por essa razão que faremos a seguir cada desenvolvimento psíquico, *ensaios mediúnicos que aí normalmente seguem.*

ADVERTÊNCIA

“A ignorância, o orgulho, a sensualidade São os maiores inimigos do médium...”

“Use, mas não abuse.”

O desenvolvimento psíquico e a mediunidade não apresentam perigo para as pessoas bem-educadas, sérias, ponderadas, inteligentes, humildes e por natureza morais, dóceis aos conselhos caritativos do além.

Não é do mesmo modo para os viciosos, os indiferentes, os recalcitrantes ou céticos sarcásticos. Geralmente, não é preciso abusar da mediunidade (uma sessão ou duas por semana). Ao menor sinal de fadiga, se abster. As pessoas sujeitas aos problemas físicos ou psíquicos não devem exercer a mediunidade.

Certas pessoas, temendo induzir as outras em erro e acreditando assim eximir-se de sua responsabilidade, deixam a mediunidade consciente para buscar a mediunidade inconsciente; não a obtendo, eles negligenciam então de desenvolver o dom natural que lhe expirou. É preciso que elas saibam, entretanto, que o gênero *da mediunidade não garante o valor da comunicação espírita*: um médium clarividente, praticamente consciente do que ele diz, dá com frequência mais provas do que um médium mecânico ou adormecido.

As mensagens dos clarividentes, como as dos outros, devem, todavia,

ser examinadas com perspicácia.

A inconsciência mediúnica tem mais vantagem em dar *mais facilidade ao espírito* que opera com o concurso de um médium de incorporação ou de exteriorização.

O melhor médium é aquele que produz o melhor dos fenômenos morais e controláveis.

Para obter a assistência de guias superiores, é preciso:

Muita caridade;

Perseverança;

Vontade;

Afastamento das satisfações sensuais;

Uma grande elevação espiritual.

Para produzir fenômenos interessantes: Médiuns, especializai-vos.

PRIMEIRA PARTE

PARA SE TORNAR
SUJET PSÍQUICO
OU MÉDIUM?

A prática do espiritismo é cercada de muitas dificuldades e não é sempre isenta de inconvenientes que um estudo sério e completo não possa evitar.

Allan Kardec

CAPÍTULO I

Os sujetos e os médiums telestésicos

Mesmo se não pudéssemos fazer senão um buraco de agulha na cortina que separa nossos dois mundos, isso seria já suficiente para mostrar que há uma luz do outro lado.

William Stead

Escolha de sujetos

Em geral, todo homem, em virtude dos princípios que o constituem (espírito e matéria), possui em potencialidade, todas as faculdades psíquicas, é preciso também admitir que certas pessoas parecem ser melhor dotadas que outras, não que Deus as tenham arbitrariamente designadas com esse efeito, mas porque seu estado fisiológico lhes permite uma exteriorização maior do princípio espiritual, exteriorização criando em proporção aspirações superiores do indivíduo. Daí resulta que se deve encontrar excelentes sujetos em todos os meios, cultos ou não. Essas pessoas se revelam em certos índices não equivocados. A maior parte tem um efeito de pressentimentos que se traduzem ordinariamente por uma impressão de doença próxima a um evento doloroso; por sonhos premonitórios ou proféticos, de natureza verídica ou simbólica; por aparições telepáticas e uma extrema sensibilidade especial aos passes magnéticos, por uma forte propensão para as artes e a literatura; pelo sonambulismo natural.

“Serão encontradas, diz G. Phanèg, entre as pessoas dotadas de uma

sensibilidade excessiva, de uma sensibilidade especial, vendo e ouvindo o que os outros não veem e não ouvem. Como se procura em torno de si e se descobre um ser com antipatias e simpatias vivas e súbitas, não podendo andar senão de um certo lado daqueles que ele acompanha, só dormindo bem com a cabeça para o norte; ao que o contato do cobre e outros metais é muito desagradável; que não possa tocar seda etc., pode-se estar seguro de que com prática, se fará um bom psicômetro.

Poderíamos acrescentar que, de um modo geral, formará um bom sujet telestésico.

A TELEPATIA

Definição

Um sujet telepata é aquele que tem faculdade de captar um pensamento traduzindo em si por um impulso, uma imagem, um odor, e por vezes sons.

Importância

A telepatia é a base de um grande número de fenômenos psíquicos ou espíritas (metapsíquicos) de natureza intelectual.

Agente e perceptivo

Para exercer a telepatia, convém obter a colaboração de uma outra pessoa que terá por missão transmitir um pensamento. Ele se nomeará *agente* (do verbo agir)

O sujet se denomina igualmente *perceptivo* (do verbo perceber).

Como realizar um comando telepático:

Para o sujet:

1º o sujet deve ser inteiramente *passivo* e perceber toda preocupação obsedante. Em outros termos, ele deve ter *vazio o pensamento* e esperar que um impulso interior, irracional, o faça avançar, a fazer um gesto, a escrever, a virar sobre si mesmo etc.

2º ele deve estar *na expectativa*, sua atenção direcionada ao que se passa em seu pensamento, o corpo não relaxado sobre as pernas a fim de

que o impulso nervoso que deve fazê-lo deslocar-se não encontre muita resistência.

3º quando diversas ideias surgirem quase ao mesmo tempo em seu pensamento, ele aguardará que uma entre elas se imponha, de preferência aos outros, para em seguida realizá-lo.

Para o agente:

1º Estabelecer mentalmente e decompor o comando a ser realizado.

2º Tomar o sujet pelo punho livre da vestimenta.

3º Concentrar fortemente seu pensamento sobre a primeira parte do comando e representar, fazendo em si mesmo o movimento aí comunicado.

Exemplo: Imaginai-vos fortemente que podeis levar o corpo para frente para avançar e levanteis o pé direito.

4º Esperar a realização dessa primeira parte.

5º Sendo realizada o primeiro impulso, pensar na marcha representando a direção a tomar. Assim, progressivamente, podeis fazer o comando decomposto como segue: Levai o corpo para frente. Avançai diante de vós. Virai à direita. Avançai diante. Parai. Levantai a mão direita. Tomai o chapéu que se acha em um cabide (perto de outros objetos).

6º Variar os exercícios.

7º Na primeira sessão de treinamento, o diretor da sessão faz ele mesmo todos os comandos telepáticos a fim de determinar desde o começo os melhores sujetos. Na segunda sessão somente, quando os alunos tiverem adquirido uma certa confiança ao constatar os resultados positivos do método, eles se tornarão gradualmente agentes e perceptivos.

Condições de sucesso

Foi reconhecido por numerosos observadores científicos:

1º Que o agente e o perceptivo obtêm melhores resultados quando há entre eles uma *simpatia recíproca*.

2º Que o pensamento do agente é mais poderoso quando ele dá lugar a um choque emocional.

3º Que o sujet, para perceber, deve estar em estado de *passividade* (vazio de pensamento, sonolência, semi-hipnose natural, estado de transe).

4º Que o poder do sujet diminui progressivamente com o número de experiências (uma dezena, máximo).

5º Que o sujet é muito influenciado pelo número e a qualidade dos assistentes (autossugestão).

6º Que certas pessoas tendo o hábito de comando (clareza, precisão, vontade no comando) são ordinariamente bons agentes, especialmente para os impulsos motrizes, com contato direto.

7º Que a telepatia experimental é mais fácil quando o comando telepático não ultrapassa o domínio mental do sujet.

8º Que os nomes próprios, assim como toda noção abstrata, são difíceis de transmitir.

9º Que é *preferível*, para evitar toda distração proveniente da visão, que o agente coloque a mão sobre os olhos e que o sujet tenha os olhos vendados.

10º Que o sujet consegue melhor êxito quando ele execute seu papel com seriedade e está convencido da realidade dos fatos.

Constatações pessoais

Em um grupo experimental de treze pessoas, dez sujetos novatos realizaram os comandos dados quando da primeira sessão. Os três outros alunos sentiram, todavia, formigamentos no antebraço. Dez destes sofreram mesmo um impulso irresistível que queria projetá-los para frente, mas isso foi tudo... Por quê?

Eles confessaram após a sessão que não tinham estado passivos ao fato que se questionavam interiormente sobre o objetivo perseguido pelo agente (ex.: Devo avançar? Eu não sinto grande coisa. É à direita ou à esquerda?...). Essas reflexões involuntárias tinham nitidamente se oposto ao impulso automático que devia vir do agente.

Observações

1. Para não ser vítima de uma ilusão, evitar observar que se quer fazer atingir pelo sujet.
2. Não faça nenhum empurrão, nem nenhuma pressão sobre o antebraço do sujet.
3. O treinamento do sujet é fortemente ajudado pela confiança que o inspiram os sucessos dos sujetos mais desenvolvidos.
4. A renovação prolongada de experiências semelhantes, sem progressão, destrói o interesse da sessão. Desde então, os sujetos se

tornam indiferentes e os sucessos, mais raros.

5. Os alunos ficarão em guarda contra a mania que lhes fará tentar de todo modo e em todas as ocasiões, comandos telepáticos sobre desconhecidos, seja na rua, seja em uma sala de espetáculos. O desgaste nervoso muito importante que resultaria, provocaria logo neles um esgotamento rápido.

Como as pessoas que tentassem explorar seu poder nascente para seu benefício pessoal, se desenganariam! Elas não tirarão jamais vantagens como esperam obter. Com efeito, o pensamento dominante interessado é um eflúvio viciado que provoca um mal-estar na pessoa que o recebe. Guiado pela intuição que o faz pressentir um perigo invisível, ele se desvia gradualmente do sugestionador mal-intencionado.

Resulta por isso do que precede que a telepatia é uma faculdade preciosa que não deve se exercer senão com toda serenidade de alma, com um objetivo altruísta e altamente moral, com a exclusão de toda ideia de dominação.

Gradação dos exercícios

Telepatia com contato direto

O agente segura o punho do sujet.

Exemplos:

- a) Ir à porta
- b) Idem... e abri-la;
- c) Ir à biblioteca e pegar um livro determinado
- d) Mesmo comando, abrir o livro em uma página determinada;
- e) Mesmo comando, mostrar uma linha impressa;
- f) Mostrar uma letra em um alfabeto preparado;
- g) Mostra um caractere em um número;
- h) Fazer um nome mostrando as letras do alfabeto;
- i) Fazer um gesto;
- j) Fazer escolher uma carta de baralho em um paco
- k) Fazer escolher diferentes objetos;
- l) Fazer desenhar uma figura geométrica simples;
- M) Transmitir uma palavra etc.

N. B. Os comandos serão cumpridos mais rapidamente no fim dos

exercícios e o sujet terminará por alcançar imediatamente o que se quer, para realizá-lo quase instantaneamente.

Após as primeiras tentativas, se esforçar para pesquisar os comandos telepáticos *ilógicos* a fim de desviar o raciocínio inconsciente do sujet.

A telepatia com contato indireto

O sujet e o agente mantêm, cada um, pedaços de guardanapo ou de um jornal enrolado.

Mesma graduação nos exercícios

Telepatia sem contato

O agente se coloca atrás do sujet e concentra seu pensamento fixando-o na nuca. Comando muito simples. Alguns experimentos de telepatia a grande distância foram tentados com sucesso por experimentadores treinados. Convém se colocar de acordo previamente sobre o dia e a hora da experiência.

Duração dos exercícios

Só se passará à telepatia indireta senão após meses de telepatia com contato direto, isto é, quando os sujets estiverem suficientemente convictos da existência do fenômeno.

Temos observado que quando o sujet é bastante desenvolvido, mesmo o pensamento inconsciente do agente chega como um traço ao sujet que o realiza sem impulso motriz, desde que o objetivo da experiência já seja conhecido.

Telepatia demonstrativa

- 1) Estabelecer vários comandos telepáticos ilógicos pelos assistentes.
- 2) Durante esse tempo, o telepata ficou fora da vista em uma peça à parte sem comunicação possível com aquela onde se fazem as experiências.
- 3) O telepata cujos olhos são vendados é comandado por uma pessoa designada para isso.
- 4) Várias experiências são realizadas por agentes diferentes servindo de controladores.
- 5) Estabelecer um quadro de sucessos e fracassos, sucessos parciais etc.

6) Segundo a sensibilidade do sujet, empregar um dos três procedimentos telepáticos.

A telepatia e a moral.

O agente não poderia abusar da passividade de um sujet ao qual ele sugerisse um ato imoral?

Observemos antes de tudo:

1. Que o método preconizado aqui jamais recorre à hipnose; o que faz que o sujet guarde plena consciência de seus atos e pode assim controlá-los.

2. Que para ter sucesso, o agente tem necessidade da passividade do sujet do qual este pode se desligar a todo momento.

3. Que as experiências hipnóticas sem importância têm sucesso porque elas gozam a priori da aceitação tácita do sujet.

4. Que as experiências hipnóticas tendo um caráter imoral provocariam uma crise nervosa nos sujets morais.

Exemplo: Sugestiona-se a uma mulher em estado de hipnose que mantém seu bebê nos braços e se lhe ordene para lançá-lo pela janela.

O sujet sente um forte impulso no sentido indicado, mas se recusa a obedecer e cai numa crise nervosa aguda.

Em uma palavra, *a sugestão telepática não consegue senão no quadro de valores intelectuais do sujet.*

A PSICOMETRIA

Definição

A psicometria é a faculdade de se pôr em relação psíquica com uma pessoa ou um grupo de pessoas e escrever as características físicas, intelectuais e morais por meio de um objeto impregnado de seus fluidos.

Método de treinamento

As tentativas de psicometria seguem imediatamente à telepatia.

Tentativas coletivas

1. Após uma preparação moral (leitura com tendência espiritualista)

que dá ao sujet um objetivo superior à sua atividade e a perseverança necessária, o sujet deve ficar *vazio de pensamento*.

2. O presidente da sessão lhe remete então um fragmento de carta recente, sem que se possa ver a escrita ou adivinhar a procedência.

3. O sujet coloca esse fragmento de carta entre as mãos e aguarda uma impressão, um pensamento concernente à natureza do fluido que daí exala (agradável ou desagradável – quente ou frio), o temperamento, o sexo, a idade, o caráter do escritor, os sentimentos que aí são expressos. Ele “escuta” as inspirações que se impõem com mais força, mesmo se parecerem extravagantes ou ridículas. Após sua concentração, o aluno escreve enumerando-as, as ideias que lhe são trazidas sobre a página da esquerda de um carnê reservado para esse efeito; a página da direita permitirá ao chefe da sessão indicar suas observações.

Controle: Se for tomado o cuidado de enumerar os fragmentos da carta psicografada antes de confiá-los aos alunos psicômetros, será fácil reconstituí-la e ler para controlar os resultados.

Tentativas individuais

Preparação mental. Segundo G. Phanèg: “O primeiro cuidado do iniciante será diminuir o mais possível a acuidade dos sentidos físicos, a fim de permitir aos sentidos astrais de se desenvolver. Para o tato e o gosto, ele permanecerá imóvel, isolado sobre um tapete de lã; para a audição e a visão, ele experimentará no silêncio e na obscuridade; para o olfato, ele explorará os perfumes, de preferência o incenso.

Quando essas condições estiverem cumpridas, ele se acostumará a caçar as imagens da vida externa proveniente das leituras, das conversações etc. Ele se esforçará, em uma palavra, de criar em si, tanto quanto possível, a obscuridade total. É nessa obscuridade que se desenvolverão primeiro confusas, gradativamente nítidas, as imagens psicométricas. Essas imagens terão primeiro uma grande tendência de passar rapidamente diante do olhar mental do sensitivo; é preciso que ele se habitue a mantê-las imóveis. Ele aí conseguirá tanto mais fácil quanto for mais exercida a vontade. É útil manter os olhos fechados nos começos, e mesmo colocar uma venda sobre os olhos; assim será obtida uma concentração perfeita.

Procedimento

Segundo o mesmo autor: “Se, após ter realizado as condições de treinamento indicadas acima, coloca-se sobre sua frente, entre as duas sobancelhas, ou atrás na nuca, um objeto poderosamente impressionante, será visto se formar pouco a pouco imagens que passarão diante do olhar interno, produzindo espécies de trepidações análogas àquelas de um cinematógrafo”.

Primeiros resultados obtidos em um grupo experimental

Fragmentos de carta foram dados a doze alunos psicômetras.

Dez dentre eles deram oito informações exatas, cada um fornecendo uma ou duas. Essas informações reunidas caracterizavam fortemente o autor da carta e o conteúdo desta.

Informações fornecidas pelos sujeitos

1. Homem – forte – sanguíneo – calmo – curador – contrariedade - trata-se de uma viagem – amizade. Na realidade, tratava-se de uma carta *afetuosa, de um curador, muito corpulento*, de Namur. Em sua missiva, ele se dizia contrariado, pela mudança da data de uma conferência que devia ir fazer em Namur. Observemos a retidão do ensaio psicométrico.

2. Em seguida, cada sujet, algumas vezes, deram várias informações exatas.

3. Em cada sessão, eu observei que de dez sujetos, quatro ou cinco dão resultados positivos. Esses quatro ou cinco sujetos variam a cada sessão. Entre eles, alguns (dois ou três) pareciam mais sensíveis.

Observações

A psicometria de cartas é mais fácil que a psicometria de outros objetos menores.

1. Convém apresentar aos alunos objetos (canivetes, braceletes, medalhas etc.) que não foram levados sucessivamente por várias pessoas.

2. Escolher de preferência objetos que tenham uma história bem caracterizada.

3. As pessoas que apresentam objetos para a psicometria devem juntar uma ficha de informações permitindo ao presidente e aos alunos controlar de uma maneira precisa o resultado dos ensaios.

4. Acontece que o ensaio psicométrico fornece informações sobre a pessoa que deu o objeto ou sobre as pessoas que tiveram alguma relação com ele.

5. Alguns sujos conseguem melhor resultado quando eles amarrotam entre os dedos o fragmento de papel ou tecido para a psicometria.

6. É bom estabelecer um relatório de sessão indicando os resultados obtidos em relação do nome de cada aluno.

7. As impressões de alguns se traduzem por visões frequentemente alegóricas que se deve interpretar.

8. Um sujo psicômetra desenvolvido é bem indicado para empreender a psicanálise de uma pessoa.

A DIAGNOSE DE DOENÇAS

O sujo psíquico treinado para a telepatia e a psicometria, poderá em seguida estender o campo de suas experiências para a diagnose de doenças.

Procedimento

O sujo se colocará em frente do doente (doente sentado e sujo em pé) e lhe tomará as mãos. Após um certo treino, um simples toque (sobre a fronte, por exemplo), será suficiente para provocar *o estado de relação*.

O doente e o sujo se colocarão em um estado de *relaxamento psíquico e de passividade mental completos*.

Como para a psicometria, o sujo se colocará à “escuta”; no fim de alguns minutos, ele examinará as sensações que sente assim como as inspirações que se impõem com força a seu espírito. Algumas dentre elas são *simbólicas ou mental do doente*. De um modo geral, controlá-las imediatamente junto do doente.

Não é raro que o sujo ressinta um *mal-estar* no corpo onde o doente resente ele mesmo de ordinário uma dor ou mesmo mal-estar. Parece então que o sujo e o doente formam só um mesmo elemento psíquico.

Em seguida ao desenvolvimento da faculdade psicométrica, o sujo poderá tentar pesquisar a causa profunda da afecção assim como o tratamento psíquico mental a dar.

É bem entendido que essa pesquisa não pode se fazer senão do ponto de vista experimental sem nenhuma pretensão de infalibilidade.

RABDOMANCIA

Se admitirmos, com a ciência, que as pessoas e as coisas têm a faculdade de emitir vibrações, radiações produtoras de ondas ultracurtas tendo uma certa analogia com essas emissões por um sujeito psíquico, não é ilógico admitir a realidade das reações psico-nervosas causadas por essas ondas sobre um sensitivo denominado rabdomante.

Definição

De acordo com o professor F. Cazzamali da Universidade de Milão, a rabdomancia é a faculdade que têm alguns seres humanos de sentir, caminhando sobre o solo e mantendo entre os dedos uma vara flexível de madeira (de aveleira) ou de metal, a presença no subsolo de metais ou de outras substâncias, e por movimentos involuntários, conseguir indicar aproximada ou exatamente, sua qualidade, sua quantidade, sua profundidade”.

Acrescentemos que certos rabdomantes exercem seu poder sobre fotografias, de plantas topográficas etc.

Escolha dos sujeitos

Os sujeitos sensitivos revelados ao curso de outros exercícios, são totalmente designados para se tornar rabdomantes.

Procedimentos: preparando a vara

“O aluno mantém nas duas mãos uma vara de árvore de avelã (aveleira) em forma de V, as palmas abaixadas, a ponta da forquilha para frente ligeiramente levantada.

Em estado de concentração psíquica ou de expectativa, ele caminha sobre o terreno e aguarda uma reação nervosa que se manifesta às vezes nos braços, *uma angústia* no epigastro (cavidade do estômago), sensações visuais ou gustativas etc.” Prof. F. Gazzamali.

Após numerosas experiências de reconstituições múltiplas, o

rabdomante pode estabelecer um *código pessoal*, que lhe servirá de base nas tentativas ulteriores.

“Para alguns sujetos, a força maior ou menor do *tremor nervoso* lhe indica a importância maior ou menor das substâncias pesquisadas. *O gosto* os orienta sobre suas qualidades. Para a profundidade, eles se orientam calculando em segundos, a duração do tremor múltiplo por um coeficiente; número sempre idêntico para a mesma substância: 4,75 para água; 5,50 para o petróleo; 8 a 9 para os metais”. Prof. F. Gazzamali.

Observação: O estudo das obras que se relacionam com a rabiomancia, parece estabelecer que rabiomantes têm cada um seu sistema preferido dando, segundo eles, mais resultados que o recomendado com entusiasmo por um colega.

Essas divergências de visões se explicam:

O estudo pessoal do mecanismo da detecção das ondas, dá a cada sujeito, uma certa virtuosidade que o faz frequentemente acreditar na superioridade dos meios que lhe são familiares. Certos sujetos rabiomantes não requerem mesmo o emprego de uma vara. O tipo da vara não tem senão um valor relativo. Ela dará tanto mais resultados *quanto o sujeito lhe der mais confiança*.

Utilizando um pêndulo

Aqui, o sujeito se serve de um pêndulo composto de um simples fio sustentando um pedaço de metal (peça de moeda furada ou aliança).

O aluno mantém o pedaço de fio livre de modo que o pedaço de metal fique suspenso acima do objeto a ser estudado. Segundo o que o pêndulo efetue um número maior ou menor de círculos ou de movimentos de vai-e-vem, balançando-o afirma indicar o sexo do ser (masculino para o círculo, de acordo com alguns rabiólogos, feminino para o movimento de vai-e-vem), as doenças, etc.

Em certos casos, o pêndulo serve de aparelho de adivinhação ou mediúnico.

De acordo com o relatório do Professor Gazzamali, relatando as experiências empreendidas por uma comissão científica italiana, em Verona, em 1931¹ com o concurso de oito rabiomantes notórios, parecia

¹ *Revista Metapsíquica*, nº 5, 1931

que os movimentos do pêndulo fossem causados por reflexos provenientes de um fenômeno psíquico ainda pouco ou mal estudado.

O pêndulo e a vara de avelã podem ser considerados como meios de concentração ao mesmo tempo que amplificadores de reações psico-nervosas provocadas por vibrações desconhecidas.

A VIDÊNCIA

O que é a vidência?

Antes de abordar o estudo da vidência, cremos necessário consultar as obras do mestre Allan Kardec a esse respeito:

Eis aqui o que é dito, página 216, de *O Livro dos Espíritos*: “A emancipação da alma se manifesta às vezes no estado de sonolência e produz o fenômeno designado sob o nome de *segunda vista* que dá àqueles que são dotados a faculdade de ver, de ouvir, e sentir além dos limites dos sentidos. Eles percebem por assim dizer através da visão ordinária e como por uma sorte de miragem”.

Em nossa humilde opinião, o primeiro grau da vidência é uma exteriorização perispiritual localizada no sentido visual, hiperestesia, isto é, se torna muito mais sensível pela vontade do sujet.

Dado que a fonte energética que provoca a vidência é exterior ao sujet, este a percebe psicicamente. Em seguida a um reflexo provocado pelo desejo de se dar conta do que se passa pelo sentido da visão, a imagem percebida é então projetada em direção da retina que dá a visão o caráter objetivo da vida exterior.

Desenvolvida, a vidência se torna clarividência que necessita de uma exteriorização maior da alma, a qual se torna mais sensível às excitações de ordem mental e se libera das condições de tempo e de espaço.

Se ela é acompanhada de uma inteligência de causas e de consequências relativas a fatos desconhecidos do sujet consciente, ela é então denominada: *clarividência lúcida*.

Em todos os casos, se tratará por isso, seja no sonambulismo espontâneo ou provocado, seja no êxtase, na clarividência como na simples vidência pelos olhos, de uma exteriorização parcial ou total da alma.

Meios de desenvolver a vidência

O Doutor Maxwell diz em seu livro: *Os fenômenos psíquicos*: “Um dos meios mais antigos conhecidos, diz ele, é o emprego de uma *bola de cristal*.”

Eu não tenho necessidade de relembrar antigas adivinhadoras, nem a história de John Dee, nem as numerosas narrativas que nos foram feitas pelos cronistas ou os romancistas. A bola de cristal é o procedimento aperfeiçoado, do mesmo modo que o espelho negro; mas o espelho comum, o copo d’água, garrafa redonda, a bola de sapateiro, unha do dedo, vidro de relógio, toda superfície polida, enfim, pode servir para induzir à alucinação. Eu só recomendarei os primeiros procedimentos; eles são os melhores; a unha, o vidro de relógio, as superfícies polidas como as de uma mesa envernizada ou encerada não são recomendáveis.

A bola de cristal, eu creio, o procedimento de escolha. Eu estudei com alguns cuidados a visão na bola de cristal, e bem que eu tenha observado diferenças individuais nos sujetos, creio poder dizer que de uma maneira geral, eu cheguei, no que concerne o processo operatório, às constatações seguintes: A matéria do objeto não é indiferente. As bolas de cristal de rocha têm o inconveniente de ser muito dispendioso. O vidro comum dá muito bons resultados, mas é preciso evitar que a bola contenha bolhas de ar ou outros defeitos.

É preciso que a bola hipnótica seja tão homogênea quanto possível. Sua forma pode ser esférica ou ovóide. Creio que forma elíptica é talvez a melhor, pois ela permite evitar mais facilmente os reflexos.

A dimensão da bola é indiferente, mas eu prefiro as bolas um pouco grandes. Entretanto, tenho obtido excelentes resultados com bolas de um centímetro tanto quanto com bolas de 6 a 7 centímetros de diâmetro. A bola pode ser branca, azul, violeta, amarelada, verde; ela pode ser opalina ou transparente, mas eu creio que os melhores resultados são obtidos com bolas brancas transparentes, as bolas azuis e as bolas de cor ametista. Estas duas últimas cansam menos o olho.

Para observar na bola, é preciso colocar-se ao abrigo de todo reflexo, de modo que ela ofereça uma cor uniforme sem pontos brilhantes. Para isso, pode-se envelopá-la com um lenço de pescoço ou veludo escuro, ou mantê-la na cavidade da mão, ou mesmo mantê-la na ponta dos dedos desde que as condições indicadas acima sejam cumpridas. O objeto deve estar colocado à distância da visão normal; o olhar deve ser limitado não

sobre a superfície da bola, mas na bola mesmo: com um pouco de hábito, será alcançado facilmente. Os espelhos dão também muito bons resultados. Eles podem ser feitos como os espelhos comuns ou ser pretos como os famosos espelhos de Bhatta que têm uma composição especial. Eu não experimentei com estes últimos. Observei que precisava, ao dizer aos sujeitos, que o espelho não refletisse nenhum objeto e apresentasse uma cor uniforme, a do céu por exemplo, azul ou cinza, mas sem mistura dessas cores como é, por exemplo, um céu nublado onde os vapores brancos se destacam sobre o fundo azulado: em um apartamento pode-se fazer refletir o teto se ele é monocromático.

Enfim, *um copo d'água, uma garrafa d'água* se ela apresenta uma forma globular ou cilíndrica, um sifão d'água de Seltz, a unha do polegar, notadamente podem servir de indutores à alucinação (diremos à vidência); mas esses procedimentos, salvo os dois primeiros, não têm sucesso senão com sujeitos muito sensíveis.

Nessas condições de operação, eu observei resultados algumas vezes extraordinários e que confundem a imaginação.

Eles me pareceram tender a demonstrar a verdade da ideia Kantiana sobre a relatividade e a contingência de tempo e de espaço, é bem difícil admitir que essas duas ordenadas de nossas percepções sejam exatamente o que elas nos parecem ser, a menos que aceitemos a teoria das coincidências até ao absurdo, como vi ser feito por um professor de meus amigos. É então fechar a porta a toda discussão e a todo exame inteligente de um fato aparentemente normal.”

No *Solar das Sombras*, o Sr. Paul Bodier transcreve o seguinte método que leva às indicações do Sr. Maxwell um complemento de informação interessante:

Método anglo-americano

“Mantende o cristal limpo e claro, não o toqueis senão quando for vos servir. Aquecei-o colocando-o perto do fogo e colocai acima um pedaço de veludo preto ou de um vermelho escuro. O lençol violeta parece ajudar ainda mais que os de outra cor.

O cristal pode ser empregado por um só pessoa ou por duas ao mesmo tempo, no qual uma o mantém enquanto a outra olha dentro; frequentemente isso ajuda no desenvolvimento da faculdade. Tanto quanto

possível, a peça onde se segura deve estar para o norte; ela deve ser calma de todas as maneiras. O melhor momento é de cerca de duas horas após uma ligeira refeição. Puxai as cortinas da janela de maneira a fazer uma obscuridade um pouco completa. Deixai cair sobre o cristal, por cima de seus ombros, o pouco de luz que deve projetar a janela ou a lâmpada; vós podeis manter o cristal na mão ou dispô-lo sobre uma pequena mesa; a distância deve ser a mesma de um livro que vós ledes.

Concentrai vossa atenção sobre o centro, olhai dentro, não sobre a superfície; não fixeis e não vos imponhais a nenhum incômodo.

Há pessoas veem tudo em seguida; outras que, na primeira vez que elas tentam, não veem senão no fim de uma dezena de minutos. Se vós não conseguirdes ou se vós não verdes claramente, colocai, ao fim de meia-hora, o cristal de lado e tentai de novo no dia seguinte à mesma hora. A luz do gás vale a luz do dia, mas o luar é o que há de melhor. Certas pessoas têm melhor sucesso à luz do dia; outras preferem a luz artificial. Um outro método consiste em colocar o cristal na luz e observar através de uma transparência, com o azul do céu como fundo. A respiração deve ser lenta e profunda enquanto se olha no cristal e é bom ficar, durante cinco minutos, com os olhos fechados antes de olhar no cristal e após ter aí olhado.

Desse modo, vós evitareis a fadiga a que certos clarividentes se lastimam.

Ficai passivos e não tenteis ver alguma coisa, em particular na primeira vez que tentais; em seguida, escrevei sobre um pedaço de papel o que desejais ver, amassai esse papel e não penseis mais na questão a que vos tendes exposto, mas permaneçei passivos e esperai como se nada fosse, não é preciso mudar o cristal de lugar a menos que vós desejais mudar cena que vedes. Não deis atenção aos raios refletidos, observai através deles; se for mantido como é preciso, o cristal não deve emitir raios.”.

Os médiuns videntes e suas especialidades

No curso das sessões, temos observado que certos videntes jamais obtêm senão visões de personagens ou cenas de uma alegoria duvidosa, não tendo nenhuma relação com as outras manifestações mediúnicas ou com fatos controláveis.

Se nada nos autoriza a dizer senão que elas não são visões reais,

sabemos pelo contrário que o pensamento do médium em primeiro lugar e o dos assistentes em seguida podem provocar imagens no sensitivo.

A maior parte dessas visões é inerte, sem vida como clichês mentais.

A prudência nos manda por isso não fazer de modo algum estado dessas vidências e esperar um desenvolvimento mais completo da faculdade antes de nos pronunciar sobre seu caráter espírita.

Pelo contrário, sujetos de uma outra ordem veem personagens tendo todos os atributos da vida: coloração da pele, expressão variante de face, movimento.

Essas visões aparecem em uma nebulosidade embaçada, se transformam, se agitam, desaparecem para ser substituídas por outras, reaparecem em seguida com uma insistência que denota uma vontade independente da do sujet.

Surgem igualmente caracteres numéricos isolados, números, letras, palavras, mensagens escritas respondendo mais frequentemente às preocupações da assistência.

Quadros indicam às vezes uma série de ideias coordenadas exprimindo um símbolo mais frequentemente interpretado pelo sensitivo *através de sua mentalidade* graças ao jogo psicológico da associação de ideias, por via de comparação.

No caso de persistência de uma imagem incompreensível, chegou muito frequentemente *a excitar a faculdade do médium por questões muito curtas* dirigindo o vidente em suas investigações, mas não monopolizando sua atenção por uma dificuldade muita grande.

A passividade completa do experimentador deixa mais frequentemente o sujet em um estado de sonolência infrutuosa.

Deve ao contrário por uma atividade discreta e confiante, servir de estimulante. Acontece que a presença de uma pessoa fortemente aprovada é suficiente para dar ao sensitivo *uma emoção propícia, frutuosa*.

Acrescentemos que são as diferentes modalidades da vidência que permitem aos adversários do espiritismo acreditar no profano uma confusão lamentável assimilando os fenômenos de vidência às alucinações provenientes da imaginação superexcitada.

Aliás, são ajudados pela ignorância ou a obstinação de certos espíritas que sustentam que veem sempre uma relação estreita com as comunicações obtidas por outros médiuns, apesar de que numerosos erros

podem provir da telepatia, da imaginação do sujeito, e da ação (oposição) de espíritos hostis.

Condições que favorecem o desenvolvimento da vidência

- 1) O número restrito de assistentes;
- 2) Presença de outros bons médiuns servindo de treinadores;
- 3) Uma iluminação tênue;
- 4) Uma temperatura moderada;
- 5) A atitude *calma e expectante* dos assistentes;
- 6) A boa saúde do médium;
- 7) Um ambiente moral;
- 8) Um desejo sincero do médium de obter um resultado positivo;
- 9) A perseverança confiante do médium;
- 10) Uma preparação espiritual prévia; a prece, notadamente a prece pelos sofredores (objetivo caritativo provocando muito frequentemente a exaltação da alma).

Como a vidência funciona?

O que temos dito no começo desse estudo nos dispensa, creiamos nós, de voltar longamente sobre esse assunto, bem que não seja sem interesse de consultar os escritos do mestre Allan Kardec e de um de seus principais discípulos, o Sr. Gabriel Delanne.

Em *O Livro dos Espíritos*, Allan Kardec diz notadamente:

“No momento em que se produz o fenômeno da segunda vista, o estado psíquico é sensivelmente modificado; o olho tem alguma coisa vaga: ele olha sem ver; toda fisionomia reflete uma espécie de exaltação. Constata-se que os órgãos da visão são estranhos, no que a visão persiste malgrado a oclusão dos olhos.

O esquecimento segue o mais frequente essa lucidez passageira cuja lembrança, cada vez mais vaga, termina por desaparecer como a de um sonho.

O poder da segunda vista varia desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes.

Nesse estado rudimentar, ela dá a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma espécie de segurança em seus atos, que não se pode chamar com exatidão de golpe de vista moral.

Mais desenvolvida, ela desperta os pressentimentos; mais

desenvolvida ainda, ela mostra os eventos cumpridos ou pontos a se cumprir.”

Como se o vê, o Mestre Allan Kardec não fez senão esboçar a solução de um problema dos mais vastos. Nós nos temos, entretanto, um prazer de assinalar a segurança de suas intuições e de seu método em um tempo em que o espiritismo acabava de nascer.

Falando mais especialmente da vidência pelos olhos, Gabriel Delanne emite as seguintes considerações:²

“Examinemos o caso em que o poder do olho pode ser aumentado; essa operação terá ainda por objetivo fazer ver os espíritos. A alma é uma essência indivisível, imaterial e intangível, que constitui a personalidade de cada indivíduo; ela é envolta de matéria quintessenciada que forma seu envelope e pela qual ela entra em relação com a natureza exterior. Esse corpo fluídico, em razão de sua rarefação, possui um movimento molecular mais rápido que o do gás e dos vapores que já são invisíveis para nós; Por isso ele não é mais visível, pois o olho não contém, no estado normal, fibra que possa vibrar harmonicamente com ele. Mas se um espírito quiser manifestar sua presença, ele entra em relação fluídica com o encarnado, e uma vez a comunicação estabelecida, ele acumula pelo magnetismo espiritual, no nervo ótico, uma quantidade de fluido nervoso maior que o comum, o que sensibiliza certas fibras, que podem desde então entrar em vibrações correspondentes à do envelope do espírito. Desde que o fenômeno é produzido, o ser assim modificado vê o espírito, e o verá tanto o quanto este último continuará sua ação.

Pouco a pouco, essa operação se renovando em grande número de vezes, as fibras mantêm uma atitude vibratória maior, as ondas luminosas se propagam no organismo seguindo a linha à qual Herbert Spencer deu o nome de linha de menor resistência, de sorte que se tem o caminho cada vez mais facilmente ao longo dessa linha, e que no fim, mesmo essa linha termina por tomar naturalmente esse movimento vibratório, desde que a primeira molécula oscile. “O médium tem por isso em realidade um sentido novo que é devido à extensão do aparelho visual.”

Uma *objeção* se opõe, entretanto, a essa hipótese: com efeito não se tem o direito de se perguntar, no caso especial onde o espírito

² *O Espiritismo diante da ciência*, por Gabriel Delanne.

desencarnado é capaz de provocar uma hipersensibilidade do nervo ótico, se o espírito do médium não pode fazê-lo com o mesmo sucesso, tanto mais que certos clarividentes avançados não têm aparentemente necessidade senão de uma concentração rápida e voluntária para se colocar em estado de vidência.

Em realidade, parece, entretanto, que a intervenção do espírito desencarnado denominado “guia” ou “controle” seja necessário para o desenvolvimento da faculdade.

Essa intervenção, se reduzindo cada vez mais na sequência, o espírito se limita a ajudar, a guiar seu protegido.

Segunda objeção: A hipótese de Gabriel Delanne se aplica muito bem à vidência no espaço, mas não explica suficientemente a vidência no cristal, na água ou no espelho, sobre uma superfície completamente negra e polida, a menos que não se considere esses corpos como de telas de menor resistência absorvendo o raio visual que os penetra ou se reflete graças à transparência, ao clarão ou à ausência de raios luminosos em sua superfície. Entretanto, não ignoramos a precariedade dessa suposição, pois que o vidente no copo d’água (isto é um fato cotidiano) percebe uma imagem em um copo d’água e não em um outro que se ache ao lado do primeiro.

Ainda uma vez, é o estudo comparado dos fatos que a plena luz será feita sobre esse interessante problema.

Classificação de visões

- 1) *Visões de lembranças (objetos ou cenas).*
- 2) *Visões de pessoas mortas conhecidas.*
- 3) *Visões de pessoas vivas conhecidas.*
- 4) *Visões de pessoas mortas em companhia de pessoas vivas conhecidas.*
- 5) *Visões de lembranças esquecidas.*
- 6) *Visões de fatos verdadeiros, certamente desconhecidos.*
- 7) *Visões de fatos se realizando no futuro.*
- 8) *Visões simbólicas de fatos passados, presentes ou futuros.*
- 9) *Visões se movendo independentemente do pensamento consciente do sujet e indicando uma inteligência perseverante e determinada.*
- 10) *Visões de escrita (palavra e mensagens).*
- 11) *Visões confirmadas por uma mensagem mediúnica.*

12) *Visões de animais.*

13) *Um grande número de visões não identificadas.*

A LINGUAGEM SIMBÓLICA DAS VISÕES

Origem do simbolismo

Os primeiros relatos inteligentes entre os homens tiveram que ser ajudados por gestos simbólicos (mímica), por representações imaginadas e desajeitadas do desenhista primitivo, acompanhadas de sons articulados pouco numerosos.

Poderíamos alongar indefinidamente a lista de exemplos ou ser colocado na impossibilidade de se fazer compreender com o recurso do símbolo do gesto, do som e da representação imaginada. O simbolismo procede do desejo de satisfazer as necessidades natas do instinto de procriação e de conservação da vida, exigindo a colaboração de outros seres inteligentes cuja compreensão é obnubilada por entraves materiais julgados intransponíveis.

Haverá por consequência símbolos se inspirando na vida sexual e símbolos superiores, de natureza mais intelectual.

Os símbolos superiores contêm os primeiros, transformados, que vão se atenuando à medida que o homem desenvolve suas faculdades lógicas e morais.

Assim, o homem que escala uma montanha percebe tudo primeiro em sua base os pântanos cheios de lama; à medida que ele prossegue sua ascensão, o panorama aumenta, tudo contendo a vista do começo.

Chegando ao cume, o escalador perdeu de vista a lama dos pântanos para descobrir vastos horizontes azulados, de perspectivas impressionantes, um solo resistente, uma nova flora.

Assim o simbolismo se depura à medida dos progressos dos homens que o empregam.

Os gestos e os desenhos rudimentares primitivos se transformam em simbolismo poético, artístico e religioso.

O que prova que o simbolismo onírico (sonho) ou da vidência, não depende unicamente das manifestações da vida sexual, como afirma o

Doutor Freud, é que alguns sonhos como algumas visões são percepções frequentemente premonitórias da vida diária.

Outras vezes, o espírito parece mais livre ainda de contingências materiais e é suscetível de especulações³ não tendo nada em comum com a libido (paixão sexual).

Fontes do simbolismo

O simbolismo encontra seus elementos no caráter pessoal do sujeito, sua elevação moral, as contingências da vida cotidiana, sua educação, o caráter da raça; na literatura, no folclore, na religião, nas artes etc.

Principais elementos do simbolismo

O cão; uma roda livre, bela; uma estrada fechada, cheia de atoleiros, sulcada de buracos significando respectivamente: a fidelidade, um sucesso, um aborrecimento ou uma dificuldade.

A coroa (elevação material).

O diadema de pérolas e a estrela na fronte (elevação espiritual)

A escada (elevação progressiva devida ao esforço pessoal).

O voo (com asa) realização próxima de aspiração superior etc.

A significação do símbolo depende com frequência da mentalidade do médium e da inspiração.

Persistência de um símbolo

Certos símbolos parecem possuir uma nova força, uma persistência no recuo de uma ideia, de uma paixão pela educação mal-conduzida, mal compreendida.

Canalizar essa paixão; dar-lhe um fim nobre, generoso que lhe permite um livre desabrochar, é fazer desaparecer seus efeitos nefastos.

Superioridade do simbolismo da vidência sobre o simbolismo onírico

O símbolo do vidente é controlado pela consciência que o percebe como um simples espectador.

Se ele possui elementos nos conhecimentos do sujeito, a vontade diretriz que os coordena parece igual ou superior àquela do sujeito e é

³ A consultar: *O Ser subconsciente*, por Gustave Geley.

frequentemente independente deste.

O desenvolvimento dessa faculdade permite produções supranormais, ultrapassando largamente o quadro ordinário dos conhecimentos adquiridos assim como o das percepções sensoriais; elas se prolongam às vezes em um futuro, *logicamente que não pode ser conhecido*.

Esse desenvolvimento é muito mais raro no sonho do que na vidência.

Alucinações

Segundo Gabriel Delanne, “a palavra *alucinação* vem do latim *alucinare*, errar; feito de *ad lucem*. A alucinação poderia ser definida como um sonho no estado de vigília; é a percepção de uma imagem ilusória, de um som que realmente não existe, que não tem valor objetivo. Como o objeto representado não afeta de nenhum modo a retina, o som ouvido não impressiona o ouvido; a causa eficiente da alucinação existe no aparelho nervoso sensorial e dever ser relacionada com um trabalho particular do cérebro. Esse fenômeno não existe somente para a visão e o ouvido, os outros sentidos podem também ter alucinações: um contato, um odor, um sabor percebido sem que tenha havido ação prévia de um excitante exterior, são verdadeiras alucinações”.

Os fatos que nós observamos diariamente demonstram que há verdadeiras aparições e o dever de todo espírita esclarecido é fazer uma distinção entre os fenômenos que são devidos a manifestações de espíritos, das que têm por causa os órgãos doentes do sujet.

Em suma, a alucinação não representa nenhum caractere de positividade, enquanto é preciso para que seja admitida a mediunidade vidente, que o indivíduo que é dotado dessa faculdade, possa descrever suas visões de maneira a fazê-las reconhecer pelas pessoas presentes. Um médium que não visse sempre senão desconhecidos, que pudesse jamais dar provas que ele descreve dos seres tendo vivido na terra, passaria, com razão, aos olhos dos espíritas, por uma alucinação.

No estado normal do organismo humano, as impressões produzidas pelos sentidos, se armazenam no cérebro graças à propriedade de localização das células cerebrais. Essas aquisições diversas se classificam segundo o gênero de ideias às quais elas pertencem; são materiais dos quais o espírito se serve quando sente a necessidade. A alma de um homem levando a uma ação preponderante e diretriz que se exerce

indistintamente sobre todos os elementos submetidos ao seu império. Mas se, por causa de uma circunstância qualquer, a harmonia entre a alma e o corpo se tornam menos perfeita, a desordem se introduz na organização cerebral, e certas ideias, certas formas, certos odores etc., têm uma tendência a predominar sobre outros; em geral são as impressões que têm agido mais fortemente sobre o indivíduo, que o afetam produzindo esses fenômenos da alucinação que são na maior parte dos casos o prólogo da loucura.

Mais outra coisa é um fenômeno espírita, que faz ver ao médium um objeto, uma pessoa real. O espírito que aí está pode ser minuciosamente descrito, e isso não é senão quando essa visão é reconhecida para ser a descrição exata de uma pessoa morta, desconhecida do médium, que nós admitimos que haja uma intervenção espiritual.

As verdadeiras aparições têm um caráter que, para um observador experimentado, não permite confundi-las com um jogo da imaginação.

Como elas podem ter lugar em pleno dia, deve-se desconfiar daquelas que se crê ver à noite, no temor de ser vítima de uma ilusão de ótica.

Aí estão aliás, aparições, como todos os outros fenômenos espíritas, o caráter inteligente é a prova de sua veracidade. Toda aparição que não dá nenhum sinal inteligente e que não é reconhecida, pode ser ousadamente tomada na posição de ilusões.

Como se vê, nós somos muito circunspetos na apreciação desses fenômenos, e mantemos antes de tudo fazer constatar que os espíritas, longe de aprovar as divagações de cérebros doentes, são minuciosos observadores dos fatos, e positivistas em toda a acepção do termo”.

OS SUJETS HIPNÓTICOS E MAGNÉTICOS

Nós damos as indicações que se seguem unicamente para permitir ao experimentador levar em conta os fatos da realidade de seu poder em vista da direção de uma sessão experimental.

O sonâmbulo

O sujet sonâmbulo é sempre um ser passivo e muito sugestível.

Muito frequentemente notívago inconsciente, suas noites ordinariamente agitadas por sonhos, às vezes premonitórios.

Essas curtas indicações devem ser suficientes para orientar o sujet a se desenvolver.

Sono hipnótico

O sujet se coloca em estado de *relaxamento físico completo*.

Ele retém todo pensamento e tentativa de fazer *vazio em seu cérebro*. Ele fixa durante alguns instantes *um objeto brilhante*: botão de couro brilhante, vidro polido ou um redondo branco de meio centímetro de diâmetro colocado no centro de um círculo preto de 15 centímetros de diâmetro. Ao fim de certo tempo, o sujet sente que suas pálpebras ficam pesadas e acabam por se fechar.

Então, o experimentador lhe faz, com uma grande vontade, as sugestões:

“Vós dormis sempre mais profundamente” (repetir várias vezes).

“vós dormis sempre mais...”

“vós dormis...”.

Quando se tiver certeza do sono, continua-se:

“No presente que vós dormis bem, vós podeis ver em torno de vós. Que vedes?”

Estender o questionário segundo as circunstâncias e o objetivo que se deseja atingir.

Essas sugestões devem ser repetidas tão frequentemente quanto haja necessidade, para alcançar um resultado. Insistir no início sobre a sugestão provocante do sono.

Para despertar o sujet adormecido, dá-se-lhe sugestões contrárias:

“Vós ireis agora retornar ao vosso estado normal. Vós estareis muito calmo. Vós estareis muito melhor que antes da experiência, chama-o pelo seu prenome e sopra sobre seus olhos.

Sono magnético

O magnetizador sentiu exteriorizar um fluido sutil que ele projeta por passes, toques ou simplesmente pelo olhar. Esse fluido invade pouco a pouco o sujet e provoca o sono. Quando o magnetizador o segura pela mão,

acontece com frequência que o sensitivo sente seu corpo invadido por uma força superior à sua, que o faz adormecer.

Outras vezes, o magnetizador põe um momento as mãos sobre a cabeça do sujet, depois dá passes longitudinais (da cabeça aos pés) em alguns centímetros do corpo. É empiricamente reconhecido que esse modo de operar, satura o corpo do sujet do fluido magnético do operador e produz a exteriorização psíquica conduzindo ao sono.

O sujet uma vez adormecido, se operará como pelo sono hipnótico.

Pode-se assegurar da exteriorização do corpo etéreo ou espiritual do sujet beliscando o ar próximo do corpo físico (cerca de alguns centímetros).

Nesse momento, o sujet acusa uma dor.

Acontece algumas vezes que o sujet anuncia ele mesmo essa exteriorização e indica o lugar.

O sonambulismo não exige sempre a exteriorização completa do corpo etéreo denominado por certos experimentadores como o fluido vital ou fantasma dos vivos, ou ainda, duplo.

Influência do hipnotizador e do magnetizador sobre o sujet

Solicitamos ao leitor se reportar ao capítulo da telepatia subdivisão intitulada: “A telepatia e a moral”.

Recomendação: Jamais utilizar o magnetismo para adormecer um médium já formado, senão se arrisca a perverter o dom natural que ele já possui.

A CLARIVIDÊNCIA E A CLARIAUDIÊNCIA

“Minhas vozes não me enganavam”.

Joanna D’Arc

Definição

Conhecimento supranormal de coisas realizadas ou a realizar.

Preparação para a clarividência

1. *Estudo pessoal dos sonhos e dos pressentimentos.*

O aluno encontrará em seus sonhos, indicações preciosas sobre suas tendências instintivas, subconscientes. Ela lhe permitirá corrigir as tendências de seu espírito por uma educação apropriada, frequentemente mais moral que intelectual.

2. *Cultura Espiritual.*

Desenvolvimento

a) *Exercícios de telepatia e de psicometria*

b) *Estudo das reações psicológicas*

Produzidos sobre si mesmo por uma pessoa desconhecida ao simples contato das mãos (Método para estabelecer o diagnóstico de uma doença). Esse exercício pode ser renovado muito frequentemente e muito discretamente nos diferentes contatos da vida cotidiana com pessoas desconhecidas durante o primeiro encontro, se se tomar o cuidado de abstrair do meio onde se encontra. O desenvolvimento da faculdade poderá na sequência se fazer por meio da concentração do pensamento permitindo o estado de relação entre ele e a pessoa visada.

c) *Excitação do subconsciente (segundo o método Caslant).*

Método:

1) Instala-se comodamente o médium em uma poltrona colocada em uma sala ao abrigo de barulhos de fora.

2) Vendam-se os olhos para isolá-lo tanto quanto possível do meio ambiente.

3) Recomenda-se ao sujet ficar com a mente vazia de pensamento.

4) Dá-se a ele sugestões calmantes e se convida a apresentar diferentes imagens adequadas: lago calmo – pôr do sol – paisagem agradável etc.

5) Operador pronuncia uma palavra. *Essa palavra provoca uma imagem na mente do sujet.*

6) Esgotada a primeira visão, passa-se ao exercício seguinte. *Acontece que a visão percebida é uma representação da imagem, projetada telepaticamente pelo operador.*

Sucessão de exercícios. O operador emprega sucessivamente:

1) A palavra.

2) *Uma série de palavras* (indicando uma descrição que se desenvolve), exemplo: Uma estrada – uma pessoa na estrada – as vestes dessa pessoa

etc.

3) *Uma série de ações, exemplo:* uma rua – uma pessoa se acha na rua – ela caminha – ela entra em uma casa – ela fala a alguém.

Observações. O operador não passa de um ponto a outro senão quando houver imagem na mente do sujet. As indicações dadas devem sempre ser *muito indefinidas e muito curtas* para permitir o livre jogo do subconsciente e *serem coordenadas*, a fim de evitar a fadiga no sujet.

4) Sugere-se ao sujet: *Uma ação contínua no sentido de uma subida.*

“Vós andais em uma estrada – Vós escalais uma montanha – Vós escalais as rochas – Vós subis em uma escada que se perde nas nuvens – Vós experimentais a sensação que vossos órgãos se dilatam – Vós vos vedes sempre no espaço – O que que vedes? – O que que vós ouvis?...etc.”

“Para terminar a experiência, previne-se o sujet do retorno que se faz com que ele passe rapidamente e em sentido inverso, pelos estados que percorreu, isto é: relembra-lo, em uma ordem contrária, as principais imagens percebidas.”

“Enfim, se lhe sugere as sensações de bem-estar físico, de boa saúde e se finaliza pela evocação interior de movimentos de ginástica. O sujet reabre os olhos com a plena consciência do que viu e ouviu.”

5) *Mesmo exercício do nº3 com questões.*

Exemplo: um vaso - Como é ele? Onde está? Quem o segura? O que se faz com ele? Etc.

Resultados. – De acordo com o Sr. E. Caslant: “No começo das experiências, a imagem assim provocada não é frequentemente senão uma reminiscência; isso mantém que o sujet não pode se defender de um esforço de memória; mas essas reminiscências desaparecem rapidamente para dar lugar a *uma imagem espontânea* cuja origem não se pode situar. Por exemplo, um castelo evoca uma morada principesca da qual ele dá a descrição detalhada sem que se lembre de tê-lo jamais visto e quando a verificação é possível, o que é raro, constata-se que há fenômeno de dupla vista ou visão do passado.”

Pessoalmente, temos constatado que o método dá lugar a fatos de telepatia, anunciadores do desenvolvimento da faculdade de clarividência.

d) *Método onírico ou estudo dos sonhos.*

O estudo dos sonhos tem frequentemente por efeito provocar um desenvolvimento da clarividência durante o sono natural nas pessoas

emotivas e naturalmente sensitivas.

Certos experimentadores chegaram a resultados encorajadores operando como se segue: Pensar intensamente antes de ir se deitar na cama em uma ideia que se gostaria ver se desenvolver em sonho, depois manter a mente *vazia de pensamento* (recalcar no inconsciente).

Segundo a doutrina espírita, o fato de solicitar a ajuda de seu anjo guardião ou de espíritos superiores pela prece, aumentaria as chances de sucesso.

Essas tentativas não devem ser empreendidas senão por pessoas já tendo tido sonhos simbólicos bem caracterizados ou sonhos de natureza profética.

e) Método artificial

A exaltação das faculdades do sujet por meios matérias alucinatórias, tais como o haxixe, a coca, o chá, o café, “huanto”, “yagé”, o “peyothl” etc., é perigoso.

f) Métodos hipnóticos e magnéticos

O hipnotismo e o magnetismo não são recomendados porque eles mergulham a mente do sujet em um meio que lhe é desconhecido, certamente nefasto quando sua evolução moral não é muito avançada.

O magnetismo humano é com frequência um obstáculo à ação dos espíritos por causa da *relação psíquica* que ele estabelece entre o magnetizador e o sujet.

g) O método mais natural é o que se apoia *unicamente no poder da prece* (ver cultura espiritual). Os outros métodos de desenvolvimento indicam os exercícios a fazer, exercícios que devem sempre ser precedidos de uma *preparação mental* (prece etc.)

Principais causas de perturbações no funcionamento da clarividência

- 1 - *Falta de preparação mental e espiritual*
- 2 - *Ambiente malévolo; falta de harmonia psíquica entre os assistentes.*
- 3 - *A falta de passividade do sujet.*
- 4 - *As percepções sensoriais: ruídos, agitações etc.*
- 5 - *Atitude desfavorável de um experimentador.*

Recomendação

Alguns sucessos em clarividência não devem autorizar o sujet a manter

uma clarividência denunciada como falsa. Ele tem toda a vantagem de fazer de novo e múltiplas tentativas sem se deter nos obstáculos que fecharão sua estrada. Ele deve se persuadir de que um bom clarividente não é infalível, e não se servirá da sua faculdade senão do ponto de vista experimental.

O que perverte a clarividência de um médium.

A credulidade do experimentador que não dirige suas pesquisas sob direção de dados positivos e controláveis.

Médium auditivo ou clariaudiente

Não é raro que a clarividência seja acompanhada da clariaudiência, isto é, da faculdade de ouvir a voz dos espíritos, com suas características terrestres. A voz do espírito, como sua imagem, é o resultado da sugestão espírita.

Exemplo: as vozes de Joanna D'Arc. Essa faculdade aparece ordinariamente após a clarividência.

Para se desenvolver rapidamente, o clarividente deve:

Descrever pelo detalhe a entidade ou a cena percebida;

Questionar seu guia ou a entidade pelo pensamento para conhecer o objetivo da manifestação, a quem ela é endereçada etc., etc.

Exigir um complemento de informação para permitir uma identificação da parte dos assistentes.

De seu lado, a pessoa visada deve encorajar o vidente dizendo se a vidência lhe diz respeito.

CAPÍTULO II

O médium de incorporação

O médium de incorporação é aquele que aceita a influência completa de um espírito.

Progressão do fenômeno da incorporação

Com um médium de condição comum e de boa vontade, a mediunidade de incorporação segue ordinariamente a seguinte progressão:

1) *O automatismo psicológico e muscular* (desenhos e sons articulados desprovidos de sentido, movimentos mecânicos da mão etc.) que é ordinariamente de curta duração com uma pessoa suficientemente sensível.

2) Com uma pessoa *sem* cultura intelectual e moral, *as primeiras manifestações inteligentes* são frequentemente e de ordem inferior e provenientes de forças conscientes ou inconscientes que formam a ambiência do aluno médium.⁴

3) Convém depurar essa ambiência⁵ pela moralização das personalidades mediúnicas, moralização que não deve ser de muito longa duração. Em caso de obstinação da parte dos espíritos, deve-se desligar o sujeito pela ação da vontade, de passes magnéticos transversais (polaridade do corpo humano) e o sopro frio sobre os olhos.

O médium deve por sua parte se esforçar por viver uma vida pura e caritativa.

Em caso de obsessão, se abster da mediunidade, seguir uma vida moral e procurar os cuidados de um curador espírita moralizador.

Observação. A mediunidade ser sem perigo para as pessoas

⁴ Ver controle da sessão psicológica.

⁵ Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos*, págs. 95, 250, 439.

ponderadas, humildes, inteligentes e por natureza boa, isto é, não cobertas de um verniz dado pela educação.

4) *O médium perfeito* será aquele que, fora de toda informação sensorial, terá dado provas da intervenção de uma inteligência estranha.

Ordinariamente, o médium formado obtém por sua aplicação a colaboração de um guia sincero e esclarecido.⁶

Em resumo, o sucesso dependerá de uma colaboração estreita, sincera e confiante do diretor de sessão e de suas ajudas, da paciência de cada um, de sua coragem, de seu valor moral aliado a um espírito crítico advertido e a uma grandeza firmeza de caráter. Em uma atmosfera tão simpática, os resultados serão assegurados, os médiuns verão sua faculdade se embelezar e cada um poderão se iniciar na prática das sessões.

Médium escrevente psicógrafo

A mediunidade pela escrita é muito comum. Ela consiste em receber mensagens pela mão do médium.

O procedimento é, diz Allan Kardec, dos mais simples. Consiste todo unicamente em tomar de um lápis e papel e se colocar em posição de uma pessoa que escreve, sem outra precaução. Como disposições materiais, recomendamos evitar tudo o que pode estorvar o livre movimento da mão. É mesmo preferível que esta não repouse de todo sobre o papel.

A ponta do lápis deve apoiar suficientemente para traçar, mas não o bastante para causar resistência.

Emprego de “ouija”

O “ouija” é uma prancheta montada sobre esferas e munida, em sua parte anterior, de um bico.

O médium coloca a mão sobre a prancheta e a faz circular sobre um alfabeto impresso onde se encontram além do mais, as palavras sim e não, assim como os números.

O médium deve mostrar sucessivamente cada letra e isso se faz com frequência com a maior velocidade.

Um assistente as escreve à medida que aparecem em um papel, depois reconstitui as palavras uma a uma.

⁶ Léon Denis, *No Invisível*, pág. 71.

O médium falante

O médium falante é aquele que fala sob a influência dos espíritos. A impulsão que lhe é dada e às vezes tão viva que ele teria grandes dificuldades para superar e resistir.

Após estar recolhido, faz a mente vazia de pensamento e permanece absolutamente passivo.

Pouco a pouco, a influência espírita se faz sentir. Segundo as disposições do espírito, este agirá preferencialmente sobre os órgãos da palavra do que sobre a mão.

A mediunidade falante aparece frequentemente após a mediunidade psicográfica.

Os médiuns oradores pertencem à categoria dos médiuns falantes.

O médium de encarnação

O médium de encarnação é aquele que reúne todos os atributos do médium de *incorporação*. (Voz, escrita, gesto, maneiras etc.). Esse médium é comumente inconsciente. Ele dá aos assistentes a impressão de se achar na presença de um desaparecido que age como se estivesse vivo.

CAPÍTULO III

Sujets psíquicos e médiums de exteriorização fluídica

Fotografia das radiações biológicas

As experiências do Comandante Darget, Gabriel Delanne, Charles Lancelin, Doutor Luys, Doutor Baraduc etc., colocou às claras a realidade das radiações escapando dos corpos vivos para revelar-se na placa fotográfica.

Alguns psiquistas só veem nisso radiações de origem física não tendo nenhuma relação com o pensamento do sujet.

Entretanto, se prossegue nas experiências com seres humanos, constata-se que essas radiações sofrem modificações dependendo da vontade do sujet ou de uma entidade espiritual, diretora do fenômeno.

Desde então, as hipóteses explicativas emitidas: radioatividade de células vivas, irradiação elétrica do humano, ação do calor corporal sobre os banhos fotográficos e a placa sensível, luz solar absorvida pela pele e restituída em parte, efeito químico da transpiração sobre a emulsão da placa etc., são todas, da mesma ação, eliminadas.

Radiações psíquicas ou aura

De acordo com as declarações de numerosos clarividentes e sonâmbulos, o corpo humano emite radiações luminosas formando em torno dele uma auréola.

É essa auréola que o imaginário religioso representa em torno dos santos.

A cabeça, sede do pensamento, laboratório do espírito, banha o mais frequentemente em um halo de luz.

As radiações luminosas do homem são diversamente coloridas, segundo sua mentalidade e seu estado de saúde.

Quando essa afirmação for estabelecida cientificamente, o estudo das radiações psíquicas dará uma ajuda eficaz aos médicos e aos psicólogos.

Com o objetivo de ajudar o estabelecimento definitivo de uma descoberta tão interessante, assinalaremos a título documentário, os esforços realizados nesse sentido.

Ensaio tentado em vidência ordinária

De ordinário, o vidente observa uma pessoa em uma caixa fechada. Todas as cores do espectro podem ser encontradas observando a aura de um certo número de indivíduos.

Nossos leitores poderão encontrar aqui abaixo a significação psíquica dada por uma mensagem automática publicada na Revista Light de 1931.

Cores da aura e sua significação

Na leitura de cores da aura, os videntes devem se lembrar muito de fatores que causam variações e distinguir a doença, a histeria e as emoções que podem ser permanentes, transitórias ou devidas ao temperamento.

E levando em conta essas reservas, o extrato seguinte do Light de 3 de janeiro de 1931 dá uma nomenclatura das cores vistas pelos clarividentes:

“Das escritas automáticas fornecidas por “Uraven” notamos o que se segue concernente a significação das cores da aura. Não esquecer que há diferentes tons de cores e que tudo depende da nuance. Uma pessoa tendo em sua aura uma cor rica e pura será melhor do que uma outra tendo uma cor muito pronunciada, mas de um tom escurecido. As cores escuras denotam que o poder está aí, mas que o possuidor não o utilizou.

O Branco significa pureza e todos os brancos o significam, embora o mais belo mostre uma pureza superior.

O Ouro significa paz, e todos os tons dessa cor têm a mesma significação em graus diferentes.

A cor Chama significa honra, não distinção, mas aquela que tida em alta estima por seus amigos e seu entorno.

Verde é a cor da inteligência e do saber, é também a da natureza.

Amarelo que dizer poder cerebral, e a pessoa que tem o amarelo para sua cor é a que daria sua vida para o estudo de coisas elevadas.

Malva é a cor da benevolência e aqui vós encontrareis sempre aquele que está pronto a ajudar. É também a cor da simpatia.

Azul é verdade, aquele que é possuidor está sempre em busca de verdades e afasta todo obstáculo nem sempre gentilmente, mas a busca da verdade é tão importante que o pesquisador concentra toda sua atenção sobre ela.

Rosa significa amor, e não podemos ter vários amores, mas o verdadeiro e aquele que é isento de ciúme.

O Vermelho é a cor da paixão, isso pode ser muito bem se a paixão é dirigida na boa direção, o que nem sempre acontece. Por boa direção entendemos: música, arte ou conhecimento, mas não para coisas físicas.

O Castanho denota a depressão e é vista com as pessoas que se atormentam por pequenas coisas.

O Cinza significa desespero, e geralmente segue aqueles que não querem tentar se elevarem.

O Cinza prateado, entretanto, mostra os que conheceram o desespero e sofrem, mas que têm lutado contra muitos obstáculos.

O Preto quer dizer estar nas profundidades trevas e é geralmente visto com os que pensam em suicídio.

Quanto às diferentes tonalidades de cores, algumas são muito importantes. Tomai por exemplo o azul pavão; essa cor é uma mistura de verde e azul, mas quando duas cores são intimamente misturadas isso mostra que nenhuma cor tem predominância. Seria melhor que as cores fossem separadas em bandas, mas se elas são misturadas, isso indica a certa indiferença nas qualidades que elas representam.

O azul pavão daria intelectualidade mais verdade, mas ela significaria também que o possuidor desse tom não se afastaria de seu caminho para nenhuma dessas duas qualidades, mas que ele as observaria se elas ocorressem a ele sem dificuldade.

Creme é uma outra cor que pode ser a mistura do castanho e do branco, ou amarela e branco. Vê-se geralmente naqueles que não têm entusiasmo para as coisas do espírito.

Cor Vinho vermelho, uma de malva e de vermelho, igual amor da mudança ou do esporte.

Terra de “Sienne” queimada é uma cor feita de vermelho e de castanho, vê-se frequentemente com aqueles que têm humor muito variável; algumas

vezes alegre, triste ou reservado. Aqueles que têm necessidade sair de si mesmos.

Púrpura é uma cor muito rica e é realmente um tom malva muito escuro, ela é frequentemente vista nas pessoas idosas, é a cor da benevolência, seguida ao sofrimento. Os que muito sofrem e que graças a esse sofrimento ganharam uma verdadeira simpatia pelos outros, deploram esta cor”.

Fotografia de raios V.

Damos, a título de documentário, o procedimento empregado pelo Comandante Darget para a fotografia de radiações emitidas pelos vegetais:

“Na luz vermelha, colocar uma placa sensível (6 ½ X 9) em um chassi de metal bem hermético; expor ao abrigo de intempéries contra uma árvore e deixá-lo aí durante setenta e duas horas. Em seguida, revelar a placa e fixá-la sem prazo; marcar a placa do lado verde com um número correspondente ao processo verbal redigido como segue:

- 1) Data, hora, local.
- 2) Nome, endereço do experimentador.
- 3) Temperatura dos dias da exposição.
- 4) O tempo que faz (sol, chuva, turvo etc.)
- 5) O gênero de placa.
- 6) Revelador empregado.
- 7) Detalhe da experiência.
- 8) Assinatura...”

Fotografia transcendental

Fotografia de radiações humanas

Procedimento

- 1) Trabalhar em luz vermelha atenuada.
- 2) Colocar uma placa sensível em um banho revelador (temperatura moderada).
- 3) Colocar no lado do vidro os dedos das duas mãos após tê-las previamente lavado em água morna, depois secadas.

- 4) O sujet desejar fortemente exteriorizar fluido vital.
- 5) Duração de 15 minutos no banho.
- 6) Lavar bem a placa.
- 7) Fixar a placa em um banho de hipossulfito de sódio.
- 8) Deixar secar.

Resultados

Alguns sujetos produzem sobre a placa radiações partindo da extremidade dos dedos ou borrões de tamanho variável. Às vezes, linhas de força parecem partir do meio da superfície ocupada pelos dedos de uma mão para se dirigir paralelamente em direção à outra.

Fotografia do pensamento ou psicografia

Procedimento Noël e Dardenne (Bruxelas):

- 1) Trabalho em luz vermelha.
 - 2) Colocar a placa sensível no banho de revelação, com gelatina em cima.
 - 3) Colocar três dedos da mão direita sobre a placa.
 - 4) Colocar a mão esquerda sobre a mão direita (as mãos previamente lavadas, depois limpas com álcool).
 - 5) As duas mãos e a bacia então cobertas por um véu preto, o sujet repousando a cabeça contra as mãos.
 - 6) O sujet pensa então fortemente no objeto a ser reproduzido (formas simples: quadrado, meia lua, garrafa, estrela, linha quebrada, objeto bem determinado).
 - 7) Tempo cerca de 15 minutos.
 - 8) Notar em seguida cuidadosamente as diferentes impressões do sujet, antes, durante e após a experiência.
 - 9) A placa será lavada, fixada, lavada depois secada.
 - 10) Processo verbal (ver raios V).
- Proceder do mesmo modo com o papel sensível empregado a seco (deixar de lado a utilização da bacia com banho de revelação).

Fotografia espírita

Procedimentos da Senhora Madge Donohoe de Hampstead, Londres.

1. Nos primeiros tempos, a Sra. M. D. colocava uma película fotográfica sobre sua cabeça durante seu sono. Ao despertar, ela revelava a película e tinha a surpresa de aí encontrar borrões, desenhos imagens às vezes muito nítidas onde a procedência psíquica era indubitável.

2. Em seguida, ela colocava as mãos sobre uma caixa contendo uma placa fotográfica (mesmo resultado). Às vezes, ela coloca sobre a frente uma película fotográfica envelopada de papel preto enquanto ela se encontrava em estado de vigília. Os resultados foram praticamente encorajantes. Dessa maneira, ela obtém mensagens, pequenas planilhas, fotos etc. A Sra. M. D. declara que o desenvolvimento do sujet pode durar um ou vários anos.

Procedimento com aparelho fotográfico

De acordo com a maior parte dos médiuns fotógrafos, o que se denomina fotografia de espírito é o mais frequente uma impressão feita pelos espíritos sobre a placa fotográfica.

Os raios que influenciam assim as placas sensíveis, não são conhecidos, e o procedimento empregado pelos espíritos não foi ainda esclarecido. Mesmo quando se emprega um aparelho fotográfico, as imagens supranormais não são provocadas pelos raios luminosos comuns. O que parece confirmar essa maneira de ver, é que fotos espíritas não são sempre fotos de pessoas, mas também desenhos, formas inusitadas e simbólicas, quadros diversamente coloridos, da escrita etc.

O pensamento mesmo inconsciente do médium pode às vezes desempenhar um papel ativo e ser um obstáculo ao bom resultado da experiência espírita. É assim que contrariamente a toda expectativa, é obtida uma reprodução supranormal de um medalhão mostrado antes da experiência ao médium fotógrafo Sr. Hope. Deve-se notar que as emanções fluídicas do médium e dos assistentes são utilizadas pelos espíritos para obter os efeitos pesquisados e desejados por esses.

Procedimento dos médiuns Sr. Hope e Senhora Buxton

- 1) O médium e os assistentes executam um canto religioso (apelo a Deus e aos Espíritos Superiores) durante cerca de dez minutos.
- 2) Uma pessoa se põe a certa distância diante do aparelho fotográfico como para tirar uma foto comum.
- 3) O médium ou os médiuns mantêm uma mão acima do aparelho durante cinco minutos.
- 4) Revelação da placa fotográfica.

Resultados obtidos com um médium desenvolvido

As primeiras placas são ordinariamente pouco impressionadas pelo fluido mediúnico (simples nuvens fluídicas).

Sobre as seguintes, há frequentemente rostos, mensagens escritas ordinariamente envelopadas em uma nuvem fluídica cinza branca.

Terapêutica espiritual

O médium curador

Ama teu próximo como a ti mesmo.

Jesus

Se nós temos em conta que todo indivíduo exterioriza em maior ou menor quantidade um fluido etéreo cuja natureza está condicionada pelo estado mental do sujet, concebemos que o doente sobre quem uma pessoa bem de saúde, consciente de suas atitudes, imporá as mãos, receberá desta a plenitude de sua vitalidade, sobretudo se seus pensamentos são dirigidos para atingir esse fim.

Procedimento

1. Apelo mental a Deus e aos Espíritos Superiores para obter uma ajuda espiritual eficaz.
2. O aluno curador colocará a mão direita sobre a fronte do doente ou tomará este pelas mãos.
3. Ele terá o cuidado de não provocar contrações musculares. Seu pensamento caridoso e confiante em Deus produzirá um relaxamento físico

alternado com uma repetição de ato voluntário favorável à transfusão natural de suas forças vitais aumentadas dos fluidos espirituais dados pelos Espíritos.

4. Ao mesmo tempo, ele dará ao seu doente sugestões mentais calmantes que durarão por todo o tratamento.

5. Ao fim de alguns minutos, pode acontecer que o curador ressinta vivamente as dores do doente.

6. Às vezes também, se ele é um pouco clarividente, obterá certas inspirações; ele não deve desvendá-las senão com uma extrema circunspeção, uma grande prudência sobretudo se elas devem atingir muito diretamente a sensibilidade do doente (notícia de morte, doença grave etc.)

7. Certas inspirações são de natureza a permitir ao curador uma moralização frequente adequada ao caso do doente, moralização destinada a reforçar a cura psíquica e apressar a cura.

8. Após a sessão de cuidados, o curador pode e deve se desligar dos fluidos malsãos, fazendo um segundo apelo às forças divinas. Sua vontade aí ajudará da mesma forma poderosamente. Para isso, ele deve se imaginar rejeitando com força os maus fluidos recebidos em retorno durante a operação (alguns curadores sacodem as mãos como para rejeitar o fluido nefasto que parece aí aderir. Esse gesto não serve senão para reforçar a primeira ideia).

Observação. Se uma pessoa não é clarividente ou inspirada, ela não deve impedi-lo de fazer seu possível para aliviar seu próximo, na condição de que ela tem em conta as indicações abaixo e que ela mesma goze de uma boa saúde física e moral.

O curador magnetizador

Se apoiando nos ensinamentos dos magnetizadores que admitem a polaridade do corpo humano (lado direito: positivo; lado esquerdo: negativo; face anterior do corpo: fluido positivo; face posterior do corpo: fluido negativo), alguns curadores dão passes magnéticos sobre os pacientes. Estes executados a pouca distância da face anterior do corpo, da cabeça ao pé, darão ao doente um reganho de vitalidade.

Se esses passes são feitos transversalmente, isto é, da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, as mãos se cruzam em um movimento de vai-e-vem, o magnetizador contraria o jogo dos fluidos magnéticos nefastos e desliga de alguma maneira o doente de sua influência perniciosa.

Em resumo, o curador magnetizador seguirá o mesmo método que o curador espírita, mas ele começará por desligar a parte do corpo onde o doente resente uma dor ou um mal (passes transversais).

Ele fará em seguida passes, ao longo do corpo da cabeça aos pés, para dar forças sãs. No caso de enfraquecimento, degenerescência dos tecidos, ou de insuficiência funcional dos órgãos, ele pode praticar o sopro quente, através de uma roupa própria, sobre a parte do corpo doente. Em caso de congestão dos órgãos ou dos tecidos, empregar os passes transversais e o sopro frio (rápido) no local congestionado.

O sujet mumificador

Pode-se tentar sobre vegetais, animais mortos recentemente, o poder mumificador de seus fluidos.

O vegetal ou o animal morto se umedece e se conserva indefinidamente.

Essa propriedade do fluido humano é utilizável no tratamento de certas doenças.

Teste do limão

Quando o sujet tiver lavado as mãos e estas retomaram o calor normal, ele dá passes magnéticos sobre o limão uma ou duas vezes por dia tendo o cuidado de pôr o limão ao abrigo da umidade e de um calor muito grande. Se houver um fluido adequado a esse gênero de trabalho, o limão se dessecará e endurecerá. Peixes, um coração de bezerro, um fígado, foi dessa forma preservado da putrefação por magnetizadores.

As forças espirituais que curam

Na cura espiritual, as forças em ação são as seguintes:

1) A autossugestão, pensamento consciente ou inconsciente do doente agindo sobre seu próprio corpo.

Exemplos:

a) As curas de Coué e de seus concorrentes se obtêm por meio da fórmula: a todo o momento e em todos os pontos de vista, eu vou cada vez melhor, repetido muito frequentemente, sem esforço de vontade (autossugestão involuntária).

b) Uma forte emoção se traduz por pulsações numerosas do coração, contrações involuntárias dos vasos sanguíneos etc.

c) O iniciado se cura ou atenua os efeitos da doença só pelo efeito de sua vontade (autossugestão consciente).

2) O magnetismo humano condicionado pela vontade do magnetizador.

Exemplo: Efeito do fluido magnético sobre os sensitivos, as plantas, a placa fotográfica etc.

3) A prece

As inteligências espirituais evocadas agem por sua vontade sobre o fluido vital do médium ou do doente para reforçá-lo, dirigi-lo ou lhe dar qualidades especiais curativas.

4) A moralização do doente e do Espírito obsessor.

Algumas curas foram obtidas, seja pela moralização do doente cuja elevação espiritual não permite mais a aproximação de espíritos inferiores, seja pela moralização do espírito obsessor se manifestando pelo intermédio de um médium, fora da presença do doente e às vezes sem este se dar conta.

Pensamento e vontade são forças dependentes do Espírito do magnetizador ou de inteligências desencarnadas agindo sobre fluidos magnéticos. São por isso forças espirituais.

A mediunidade de efeitos físicos

Hoje é concebido que os efeitos físicos (pancadas sem a intervenção do médium, deslocamento de objetos à distância, materialização, luzes mediúnicas, transportes, vozes diretas, escrita direta, fotografia espírita

etc.) são produzidos graças à exteriorização de um fluido mediúnicos às vezes sutil, tornando-se pouco a pouco denso e denominado ectoplasma.

A vontade do espírito pode agir sobre esse fluido e lhe dar as propriedades da matéria tangível, a forma de um objeto ou de um ser determinado.

Em uma sessão, há efetivamente colaboração entre o médium e o espírito; é este último que condiciona a matéria mediúnica posta à sua disposição.

Conforme os experimentadores científicos, podem-se afirmar que a luz do dia, a mentalidade e o número de assistentes, o estado de saúde ou de fadiga do médium, a temperatura, podem ter uma repercussão sobre os resultados da experiência.

Natureza dos espíritos que se comunicam em uma sessão de efeitos físicos

Resta-nos, diz Allan Kardec⁷, destruir um erro bastante divulgado e que consiste em confundir todos os espíritos que se comunicam por golpes, com os espíritos batedores.

A tiptologia é um meio de comunicação como um outro e que não é mais indigno dos espíritos elevados que a escrita e a palavra etc.

O que caracteriza os Espíritos superiores, é a elevação do pensamento e não o instrumento do qual eles se servem para transmiti-la; sem dúvida, eles preferem os meios mais cômodos e sobretudo os mais rápidos, mas na falta de lápis e papel, eles se servem sem escrúpulos da vulgar mesa falante e a prova está nessa, é que se obtêm por esse meio as coisas mais sublimes. Todos os espíritos que batem não são por isso espíritos batedores; esse nome deve ser reservado para aqueles que se podem chamar batedores de profissão e que, com a ajuda desse meio, se deleitam em fazer de tudo para divertir uma sociedade ou vexar por sua inoportunidade...

Acrescentemos, diz Allan Kardec, que esses agem frequentemente por sua própria conta; eles são com frequência também instrumentos dos quais se servem os espíritos superiores quando estes querem produzir efeitos materiais;

A essas observações judiciosas, poderia se acrescentar que o valor de uma sessão de efeitos físicos depende unicamente da finalidade que os

⁷ Página 181, *O Livro dos Médiuns*.

experimentadores perseguem.

Está claro que os espíritos superiores possam dirigir sessões de efeitos físicos quando estas devem trazer de uma parte consolação de angustiados e de outra parte, a verdade científica dos poderes do espírito sobre a matéria.

Pesquisa do médium de efeitos físicos

1) A designação de médium pode ocorrer após uma constatação de fenômenos espontâneos que não se produzem senão em presença de uma pessoa, sempre a mesma.

2) A designação de médium resulta às vezes também de uma prova simples (ordinariamente, sessão de tiptologia) em o iniciado, diretriz do fenômeno, assinalada a uma ou as pessoas da assistência favorecendo a realização dos fenômenos. É com frequência, dessa maneira, que se descobrem os médiuns de efeitos físicos.

3) Um guia de médium desenvolvido pode igualmente fazer essa designação durante uma sessão psicológica.

O médium tiptólogo

O médium tiptólogo é aquele que permite aos espíritos de entrar em comunicação com os encarnados por meio de pancadas. As pancadas se obtêm de duas maneiras: a primeira que se poderia chamar tiptologia por movimento de balanço, consiste no movimento da mesa que se eleva de um lado, depois cai batendo com o pé (Allan Kardec).

Primeiro procedimento. O médium põe as mãos sobre as bordas da mesa; se ele deseja se entreter com um espírito determinado, ele deve solicitar sua visita pela prece. No caso contrário, é o primeiro que vier que se apresenta pelo menos que ele não seja designado por um espírito mais elevado para essa tarefa.

Desde os primeiros movimentos da mesa (se for conveniente que o espírito bata um golpe para sim e dois para não) lhe serão dirigidas as questões que se desejam.

Segundo procedimento. Para evitar a brevidade das respostas e os erros sempre possíveis, pede-se ao espírito designar as letras por meio de pancadas correspondendo a cada letra. Para economizar a força psíquica, um assistente soletra o alfabeto. Pode-se assim obter palavras, frases e

mesmo discursos inteiros. Essa operação pode ser abreviada adivinhando a palavra começada. Na incerteza, pergunta-se ao espírito se ele quis dizer tal ou tal palavra.

Tiptologia íntima

Mais convincente é a tiptologia íntima, pois ela parece provar a independência do fenômeno em relação ao médium.

Na tiptologia íntima, os golpes se fazem ouvir mesmo na madeira da mesa, sem nenhuma espécie de movimento. Esses golpes às vezes muito fracos, outras vezes bastante fortes, retumbam também nos móveis do apartamento, contra as paredes, as portas e o teto

Procedimento

No começo, o médium e os assistentes colocarão os dedos sobre as bordas da mesa que parece assim servir de acumulador da força psíquica.

No fim de algum tempo (uma meia hora e mais) os primeiros ruídos se fazem ouvir.

É o momento de fazer as perguntas ao espírito. O desejo sincero de se instruir, a bondade da pessoa que interroga, predispõe com frequência favoravelmente o espírito operador.

É bom não prolongar as sessões de experiências mais de uma hora. A tiptologia íntima é um dos fenômenos mais simples da mediunidade de efeitos físicos cuja importância é incalculável do ponto de vista científico.

Movimento da mesa

Quando o efeito físico começa a se manifestar, ouve-se bastante geralmente um pequeno estalido na mesa; sente-se como um tremor que é o prelúdio do movimento.; ela parece fazer esforços para arrancar; depois o movimento de rotação se pronuncia; ela se acelera ao ponto de adquirir uma rapidez tal que os assistentes têm dificuldade de segui-la. Uma vez o movimento estabelecido, pode-se mesmo afastar-se da mesa que continua a se mover em diversos sentidos sem contato.

Quando o poder mediúnico é considerável, ela se destaca inteiramente do solo e se mantém em equilíbrio no espaço, sem ponto de apoio, se levantando mesmo às vezes até ao teto, depois desce lentamente ou tomba violentamente se quebrando, o que prova de uma maneira patente que não

estamos sendo joguetes de uma ilusão de ótica (Allan Kardec)

O MÉDIUM DE MATERIALIZAÇÃO

Definição

O médium de materialização é o que exterioriza bastante fluido mediúnico ou ectoplasma para permitir a materialização parcial ou total de um espírito agindo sobre ela pela vontade. É ordinariamente um médium tiptólogo desenvolvido.

Organização de uma sessão de desenvolvimento

1) Os assistentes se instalam em torno de uma mesa suficientemente grande para lhes permitir de aí pôr as mãos.

2) Procede-se à prece em alta voz, algumas vezes substituída por uma evocação mental dos espíritos superiores (duração de 5 minutos).

3) A claridade é em seguida fortemente atenuada ou suprimida.

4) A fim de evitar uma tensão muito forte do espírito dos assistentes, rapidamente fatigados que eles estão na “escuta” do menor ruído, uma pessoa será encarregada de fazer um pouco de música por meio de um gramofone ou aparelho T. S. F. cujos sons serão suficientemente abafados.

5) Ao fim de cinco ou dez minutos de espera, o Diretor da sessão pede de viva voz se há um espírito capaz de produzir pancadas ou qualquer outra manifestação a fim de provar sua presença.

Nova espera antes de refazer a mesma questão. Essa espera pode durar uma meia hora e mais, antes de obter o sinal solicitado;

A fim de romper a monotonia de um silêncio prolongado, pode ser permitido a cada um formular em algumas palavras o resultado de suas observações pessoais (sensação de frio, toques anormais, visão etc.).

Quando se possui um médium tiptólogo, não é raro que após vinte ou trinta minutos, ouvir-se estalidos cada vez mais fortes na madeira da mesa, nas paredes, nos móveis em volta.

De outra vez, os ruídos podem se reduzir a simples golpes martelados sobre a madeira como se fossem produzidos com o dedo ou um lápis.

6) Quando os fenômenos se fazem cada vez mais raros por causa do

esgotamento dos fluidos (ao fim cerca de uma hora ou uma hora e meia de sessão), suspende-se a sessão. Nesse assunto, se há um meio, a opinião do espírito diretor dos fenômenos deve ser solicitada por meio de uma convenção previamente estabelecida.

7) Termina-se pelos agradecimentos do Diretor de sessão a Deus e às entidades colaboradoras.

8) Se um médium tiver adormecido, pode-se despertá-lo chamando por seu prenome e lhe aplicando passes magnéticos transversais sobre a cabeça e o peito. Em caso de necessidade, soprar ligeiramente sobre os olhos e fazer sugestões calmantes. De uma maneira geral, não se precipitar o despertar que precederá sempre a claridade.

Observações:

1. Alguns sujetos sensíveis ao magnetismo podem tornar-se médiuns de efeitos físicos. Serão adormecidos por alguns passes de alto a baixo da cabeça e do peito. São reconhecidos pelo fato que eles são fortemente atraídos pelas mãos do magnetizador quando este, após tê-las colocado sobre os ombros e as omoplatas do sujet, as retiram tentando atrair o sujet por sua vontade. Ao final de algum tempo, se abster de adormecer o sujet pelo magnetismo. Os espíritos guias se encarregarão disso.

2. Desde as pancadas atestam uma participação interessante de entidades e sua evidente boa vontade, o Diretor de sessão deverá empregar todos os meios apropriados para aumentar a exteriorização fluídica consecutiva à exaltação dos experimentadores.

O emprego de perfumes (cones de incenso) e música pouco barulhenta (melodia) e são recomendados. Flores dispostas em um vaso sem água (É sabido que a água dissolve os fluidos e os absorve) por intenção dos espíritos colaboradores não fazem senão dar à sessão um caráter de franca e reconhecida cordialidade. Em geral, todo pensamento delicado e afetuoso é percebido pelos espíritos que redobrarão esforços para satisfazer a seus colaboradores terrestres.

3. O emprego de um gabinete dito mediúnico é reconhecido de grande utilidade porque ele permite, durante a sessão uma concentração mais fácil dos fluidos. É constituído por uma cortina escorregadia e sobre um triângulo e cortando em ângulo a peça. As paredes formando o ângulo devem estar igualmente cobertas das mesmas cortinas comuns em algodão pelúcia de tons em preto. Não é necessário que o gabinete esteja na

proximidade do médium que pode ficar entre os assistentes.

4. A mudança de local diminui os resultados. Os objetos não estão mais impregnados do fluido mediúnico.

5. Se se quiser reservar a sessão para o estudo dos fenômenos físicos, é bom solicitar aos espíritos para não recorrer muito frequentemente para a incorporação comum pelos médiuns presentes. As instruções e comunicações podem ser dadas em uma sessão anterior reservada par esse efeito.

Renovação das sessões

No começo do desenvolvimento mediúnico, as sessões podem ter lugar uma vez por semana, em hora e dias fixos. Quando os resultados forem substanciais e podem levar o médium à fadiga, é conveniente espaçar mais as sessões (15 dias).

O MÉDIUM DE ESCRITA DIRETA

Médiuns de exteriorização fluídica têm a faculdade rara de permitir aos espíritos manifestar sua presença por meio da escrita produzida sobre papel sem a intervenção do médium e sem a ajuda de uma matéria conhecida. Para alcançar aí, será feito da mesma maneira que para a mediunidade de materialização, após ter colocado previamente um bloco de anotações sobre uma prancheta.

O MÉDIUM DE VOZES DIRETAS

Em uma sessão de vozes diretas, o espírito fala, não pela boca do médium, mas por um órgão vocal que ele mesmo construiu pela força de sua vontade agindo sobre os fluidos. Os assistentes, incluindo o médium, se assentam em círculo e se dão a mão. No meio do círculo, põe-se um megafone muito leve, ordinariamente em alumínio, servindo para amplificar os sons. Quando o poder do médium é suficiente, o megafone (chamado ordinariamente trompete, na Inglaterra), se desloca, se eleva às

vezes no espaço até o teto de onde se ouve a voz do espírito.

As vozes podem igualmente se fazer ouvir diretamente no ouvido dos assistentes e ser reconhecidas.

Para as outras disposições (Ver Médium de materialização).

MÉDIUNS DE TRANSPORTE

O médium de transportes é igualmente uma espécie de médium de materialização. Graças a ele, os espíritos podem fazer penetrar em uma caixa ou uma sala hermeticamente fechada, um objeto exterior. O transporte de um objeto da sala de sessão para fora é igualmente possível.

SEGUNDA PARTE

COMO SE SERVIR DA MEDIUNIDADE, ORGANIZAÇÃO DAS SESSÕES, CONTROLE DAS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

Os afins se atraem.

As relações com o invisível são reguladas pelas leis de afinidades e a lei de amor.

Prólogo

Compondo esse trabalho, nosso objetivo foi de colocar entre as mãos dos novatos, uma exposição do método espírita cujos elementos foram fornecidos por uma documentação tirada em grande parte nas obras de nossos mestres, de um lado, e uma experimentação pessoal muito variada e à exaustão de outro lado.

Apresentado sob uma forma sinótica, ele será, creiamos, um indicador útil para o futuro experimentador espírita.

Em lugar de se confinar em suas ideias pessoais, o noviço leva em conta que há, em torno dele, outros pesquisadores estimáveis, desenvolvendo sobre planos diferentes, com métodos adequados a seus gêneros de trabalhos e que colaboram com ele na edificação do monumento espiritualista de amanhã.

Alguns, não ignoramos que uma vista de conjunto é forçosamente muito incompleta, mas ele é normalmente suficiente para os debutantes. Muitas matérias não lhes permitiriam aliás distinguir o essencial do acessório.

Entretanto, referências sérias permitirão encontrar rapidamente em obras de valor os desenvolvimentos que tratam largamente os sujeitos abordados.

Noções gerais

Se um cego conduz outro cego, ambos cairão em um buraco.

Jesus

Diferentes aspectos do espiritismo

Há três quartos de século, o Espiritismo se espalhou sobre a superfície do globo. Muitas pessoas sem preparação especial, o praticaram segundo sua compreensão pessoal. Cada povo o marcou segundo o cunho de seu caráter étnico e religioso.

Assim, nasceram, no curso da experimentação, duas correntes

principais de ideias; uma, pelo positivismo cartesiano, que põe o na base do conhecimento; a outra, versando muito facilmente na credulidade supersticiosa.

Os exageros dos detratores e dos adeptos das doutrinas nascentes, sua falta de prudência tanto na negação quanto na afirmação, impressionam o espectador imparcial.

Hesitações dos debutantes – Os insucessos – Suas causas

Assim solicitado por tendências extremas, o novo adepto se abandona ao acaso das circunstâncias e não alcança sempre o “porquê de seus insucessos”.

Escutemos nesse assunto o que nos dizem os grandes invisíveis:

Conselhos do além⁸

“Amigos, nos dizem a voz do espírito, eu te trago a palavra da Verdade e acabo de ditar teu dever”.

O espiritismo, creia, é chamado ao progresso profundo de um alto destino; saibam, entretanto, que os meios dos quais tu te serves são marcados momentaneamente pelo cunho da impotência.

Não é dizer que os esforços dispensados por zelosos adeptos em vista de atrair o público incrédulo não sejam louváveis, mas o sucesso recompensa raramente o mérito, eu te digo com conhecimento de causa. Tu pensarias como eu mesmo se soubesses o que se passa nos grupos, onde não se pode fornecer a prova do que se avança.

Escuta-me: é preciso tocar a alma hesitante ou hostil com o clarão ofuscante que causa torpor, que revela as ideias morais e elevadas. O clarão ... é o fato brutal, positivo, incontestável da vida após a morte.

A imortalidade da alma se torna manifesta, provada de repente, pois o espírito livre fala ele mesmo diante do pesquisador, e, segundo seu grau de adiantamento, revela as sombras ou os esplendores do Universo invisível.

Ora, por hora, estás seguro, em tuas sessões, de fornecer a teu semelhante as provas que ele te pede?

Não, pois já provaste mais de uma decepção a esse respeito. Entretanto, se tu não consegues, culpa a ti mesmo. Com efeito, quando tu experimentas, o que fazes da vontade, da resistência de teu ser? Frequentemente apático, tu esperas quase tudo do além; e tu te queixas em seguida que a porta não

⁸ *Os novos horizontes científicos da Vida*, por Albert La Beaucie.

se abre: não pode por isso facilmente fazer ceder pela chave da mediunidade?

Eis aí o ponto fraco. Tu tens poucos médiuns, e aqueles que podemos usar são mais ou menos dotados de qualidades fisiológicas e morais inerentes à sua missão. De quem é ainda a falta? Não é nossa, mas antes de ti, deles. Sabes descobri-los, esses médiuns poderosos, rochedos abruptos sobre os quais teu pé poderia se pôr com toda segurança, de onde então perceberias os grandes horizontes da vida inexplorada? Sabes *procurá-los entre os humildes, entre os santos, entre os fortes, essas gentes de fluidos semimateriais*, com ajuda dos quais poderíamos levantar os móveis, bater golpes sonoros, fazer mover engenhosos aparelhos cuja voz vibraria nossos ecos perturbadores? Sabes, por outro lado, descobrir, entre as meninas, entre as jovens, com organismos delicados, médiuns elevados, inspirados, cujos fluidos sutis podem formar uma espécie de arco-íris psíquico, ligando o cérebro humano às almas desligadas no espaço?

Esperando que tu tenhas agrupado alguns médiuns, deverias te aplicar *em desenvolver suas faculdades com método e paciência*.

Ora, com dificuldade mostram eles os germes que tu lhes permitas fazer crescer o calor de suas únicas inspirações. Frequentemente então, podendo ao grau do capricho, esses germes, que poderiam produzir frutos tão bons, se dessecam com o tempo ou só engendram flores venenosas.

Mas, terias mesmo bons médiuns preparados por estudos aprofundados e seculares, que isso não seria suficiente: às vezes ainda as sessões não te deixariam senão amargura e tédio. Por quê? É que te faltaria ainda os elementos de êxito mais poderosos que sejam: *o amor da verdade e o amor de teus semelhantes*. Possuis por essa sede de conhecer quem dá asas à alma e adiantado a conduz aos campos da vida espiritual? Tu nos trazes uma soma de saber e meios de buscas que sejam capazes de nos atrair como faria um ímã em presença de limalhas de aço?

Por outro lado, amas sinceramente aqueles que te são próximos, ou amigos, ou indiferentes, ou mesmo... inimigos, em uma palavra, teus irmãos das duas margens. Conheces o devotamento, a abnegação? Está enfim, em teu poder, exteriorizar eflúvios apaixonados que sejam suscetíveis de inflamar uma reunião de humanos de estreitá-los em uma comunidade poderosa?

Tu dizes, entretanto, qual foi a força primitiva da revelação cristã e como alguns entusiastas foram capazes de mudar o eixo moral do globo e direcioná-lo para a Palestina. “Deus estava com eles”, dirás. Mas, eu te

replicaria, Ele aí estava porque ele ama aqueles que se reúnem em seu nome e querem colaborar com sua obra. Ora, o que foi possível aos primeiros apóstolos, o é para ti, se tu tens a fé e o zelo deles. Emprega tua alma de caridade universal, *procede por espírito científico*, e se tu te dedicas às experiências espíritas nessas condições, a porta se abrirá grande. A ti, somente, *não deixar entrar as legiões de seres errantes, que se comprazem em se comunicar aos mortais sem um fim útil*, e cuja influência causa essa doença que tu conheces. Não: sob os auspícios de teu guia familiar, descarta-os. Mas *deixa vir a ti os infelizes, os sofredores*. Ora, por eles, e quando teu dever junto ao próximo estiver cumprido, evoca o espírito de luz, guardião dos segredos da tua esfera, evoca o doce Jesus, que, na terra, prometeu vir a teu apelo. Ele não tardará a estar em ti e por ti. Ele te assistirá, se todo motivo de curiosidade e de interesse material for banido de teu coração, se o único amor do verdadeiro, do bem e do belo o preenche dessas ondas saborosas. Isso não será feito então da inércia, do vazio; uma força desconhecida insuspeitável, reanimará tua esperança como a de teus irmãos. Sua flama irradiará sobre nós sobre todas as frentes e tu dirás: “Salve tu, Espírito de amor e de Verdade que nos apareces. Sê bem-vindo, ilumina nossa morada, aquece as lareiras de nossas inteligências e de nossos corações”.

Ah! Desde esse momento, tu verás como será outro o aspecto de tuas reuniões, como serão diferentes as impressões que elas te deixarão. Tal como os antigos eflúvios desciam sobre os apóstolos em línguas de fogo flamantes, tal o sopro de vida banhará tua alma e te conduzirá em direção dos mais serenos horizontes que tu possas sonhar.

Homem, meu irmão, eu te suplico, não fiques surdo aos meus argumentos e faze que eles ressoem de modo duradouro em teu entendimento. Entrega-te religiosamente, cientificamente à prática da boa vontade. Criada por tua energia persistente um centro de ações eficazes, de onde sejam excluídas as ervas más. *Fecha tua porta aos galhofeiros dos dois mundos. Deixa entrar o ignorante, o pesquisador, e convence-os pelo real, pelo palpável*. Eis o que te dita o amor do qual eu estou animado para ti. Se tu me ouves, a ti a coroa de murta e louro dos vencedores! Mas se tu me repeles, bem! Vai, abandona infrutuosos estudos, vãos exercícios. Vai, sê um homem honesto e não aspire senão à tua salvação pessoal.

Não, caro amigo, quero crer que tu me escutaste, que minha palavra entrou em teu coração suscetível de a apreciar. Quero crer que tu desejas te entregar à prática experimental do espiritismo da maneira como eu te

aconselhei, não esquecendo de modo nenhum que o estudo moral e filosófico deve dar-lhe equilíbrio. Para tal, torna melhor a ti mesmo.

Discerne o justo do injusto, o bem do mal e retém o que é bom. Que teu Espírito seja mestre e faça do corpo um escravo. Se o fluxo de teus pensamentos se acha sujo, desvia o curso e purifica-os nas rochas da virtude e do dever.

Jamais dizes: “é muito tarde”. Não, é sempre tempo de bem fazer e, em face de um desejo impuro, de uma tentação desonesta, tu deves dizer e tu podes: eu não quero sucumbir, eu não o quero.

Então, quando tu fores bom e sábio, faze pregação. *Vai; fala, instruas, propagues a pura doutrina.* Sem censura, tu não terás medo. Vai, sê valente e Deus te ajudará. O fluxo da incredulidade poderá te repelir. Não importa. Como fazia Jesus na barca de Genesaré, divulga malgrado tudo, o grito de amor e de Verdade que transborda de tua alma. Dirige aos homens de boa vontade, que te ouvem, atentos na margem, as palavras que o vento sem dúvida levará, que passarão, mas cujos bons efeitos se perpetuarão de espírito em espírito, de coração em coração, graças à sanção eficaz das experiências e dos dados positivos.

Isso é suficiente? Não, ainda não. A pena está aí, serve-te dela e *faze vibrar a alma de teus semelhantes* sob os pensamentos traduzidos em linguagem expressiva. Acumula o efeito, desenvolve os ensinamentos de tua imaginação dá livre curso para parafrasear a obra construída, para embelezar o cume do edifício das hipóteses sorridentes e fazê-lo subir cada vez mais ao Além, em direção a Deus! Isso será o campanário e, tão alto esteja ele, se estiver assentado sobre uma base sólida, jamais poderá romper o equilíbrio do monumento.

Coragem, meu irmão, à obra! Eu te conjuro em nome do Ser todo poderoso, para ti, para os teus, para a causa sublime que, ligando o Céu à Terra, abraço o mundo inteiro de seu voo infinito!

Tal é a estrada luminosa daquele que cumpriu o papel filosófico e moral das comunicações com o Além.

É sempre assim? Infelizmente! Não! Os neófitos, atraídos pelo maravilhoso ou pressionados pelo sofrimento mal suportado, se lançam em direção ao desconhecido.

Incrédulos a tudo o que toca ao domínio do invisível, seu vasto apetite, que explica uma longa fome espiritual, exige sem levar em conta condições *sine qua non* de sucesso, de provas imediatas, materiais, de fatos pessoais transcendentais, deslumbrantes, e sem nenhuma informação prévia, eles

abordam o terreno experimental por um de seus lados, aí se estabelecendo, que não abandonam a parte, por falta de resultados palpáveis”.

Imprecisão do método adotado

Assim nascem lado a lado diferentes centros de estudos ocultistas, metapsíquicos, psiquistas, espíritas etc., não tendo de comum senão o desejo legítimo de saber, mas separados por práticas empíricas formando divisões intransponíveis.

Consequências

Cada um falando uma linguagem que lhe é própria, a uma certa diferença marca as relações dos pesquisadores da Verdade, cuja palavra de ordem deveria ser, entretanto, antes de tudo, “Fraternidade”. Esse estado de coisa provém ainda da falta de compreensão do papel devido a cada grupo experimental na vasta obra da renovação espiritual.

Fatalmente, *a falta de unidade* falseia as engrenagens de uma vasta organização, destinadas no plano primordial a se justapor e a se mover sem nenhuma espécie de atrito.

Necessidade de uma metodologia geral

É para se proteger desse perigo que desagrega as construções mais sólidas, que nós damos nas páginas seguintes uma visão do conjunto da experimentação onde o noviço poderá, em um resumo sugestivo, alcançar a evolução ascensional que deverá percorrer e se penetrar do método adequado do gênero de sessões que ele se propõe manterem.

Prática das sessões

Os grupos experimentais podem se dividir em três espécies segundo o objetivo perseguido. Cada um comporta inevitavelmente três graus: físico, intelectual e moral, mas prevalece o caractere do grau predominante.

Qualquer que seja o móvel que anima o experimentador, cada sessão, nos três domínios, tem um grande valor, cada uma trazendo alguma soma de conhecimentos deduzidos da experimentação na condição que esta seja

conduzida com desinteresse, método, um desejo sincero de projetar alguma luz sobre o problema do ser e de seu destino com exclusão de todo preconceito filosófico.

Todo trabalho é por isso digno de interesse e deve o respeito de todos os participantes da Grande Verdade, que tem necessidade para se estabelecer da ciência e da tolerância de todos seus defensores.

Assim nos três planos: físico, intelectual e moral, os pesquisadores elaboram pedra sobre pedra o novo edifício espiritualista, admirável síntese dos registros decorrentes das descobertas humanas no mundo psíquico, realizados com a colaboração dos grandes invisíveis.

Diante deles, estes fazem de um traço brilhante a espiral que percorre lentamente a evolução humana em direção à Perfeição, relevando sem cessar os que faliram e suscitando novos pioneiros.

Evolução do grupo experimental

O experimentador que aborda pela primeira vez o invisível, quer se assegurar em primeiro lugar da realidade objetiva das inteligências que se manifestam e pesquisar as manifestações físicas caracterizadas; nada é mais legítimo em nossa época de aflição moral. Pouco a pouco, ele se diz reconhecer as inteligências diretoras dos fenômenos. Assim, sem que ele duvide, a sessão torna-se psicológica: aí ele determina a diversidade das influências quando em sua natureza e suas capacidades, desde a inteligência do médium e de seus espíritos inferiores até às entidades morais e superiores. Graças a um bom médium de incorporação, sua convicção será logo feita. Ele verá que o mundo invisível é semelhante ao nosso, com suas sombras e suas luzes.

As contradições e malfeitos de algumas inteligências pouco evoluídas, as consolações ao mesmo tempo como a bondade dos outros, o levarão em direção desses últimos que levantarão pouco a pouco um canto do véu atrás do qual se esconde um pouco mais maravilhosos aspectos do Universo: a vida no além.

As leis que o regem, suas relações com a vida terrestre formarão as preocupações do experimentador que abandonará progressivamente a identificação material (personalidade terrestre) para empregar a identificação psicológica e moral (natureza do espírito, seu grau de evolução espiritual), que o iniciará progressivamente na vida superior.

Sessões de efeitos físicos (em grupo privado)

Finalidade da sessão

- a) Atestar a presença do Espírito de uma maneira tangível, facilmente controlável.
- b) Provar a ação do Espírito sobre a matéria (finalidade científica).

Objetos usuais

a) *A mesa*

Com três ou quatro pés, de dimensões reduzidas para as primeiras manifestações de levitação. Ela permite uma instalação fácil de experimentadores, cuja força psíquica se adapte à de um médium insuficiente.

b) *A cabine mediúnica*

Local reservado no canto de uma peça e separado dos assistentes por um tecido flexível e de cor escura suspenso por uma vara por anéis. Essa cabine tem por objetivo proteger o médium e os fluidos contra as luzes exteriores.

Arranjo da sala de sessões

Escolher uma sala onde nada possa levantar as suposições de fraude. Fechamento hermético das janelas e das portas. Decoração opaca. Poltrona confortável para o médium. Aparelhos fotográficos. Telas fosforescentes. Mesinha suportando alguns pequenos objetos, flores, blocos de anotação, lápis etc.

Condicionamento da sessão

a) *Número de assistentes*

Os experimentadores espíritas e não espíritas são de acordo para declarar que o número de assistentes deve ser limitado (6 a 10 pessoas). A harmonia de pensamentos é muito difícil realizar em uma reunião numerosa.

b) *Número de médiuns*⁹

Um único médium de efeitos físicos é normalmente requisitado.

⁹ Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, pág. 68.

A assistência de médiuns auditivos ou videntes pode render os maiores serviços.

c) *A claridade*¹⁰

1. Os fenômenos pouco importantes (levitação, batidas) podem ordinariamente ter lugar à luz do dia atenuada.
2. A experiência prova, entretanto, que a luz branca tem um poder actínio pronunciado e é, desse modo, destrutivo da força física.

Ela foi substituída pela luz vermelha (lâmpada de fotografia ou ampola).

3. Melhor que esta última seja a luz fria produzida por écrans de cartão cobertos por um reboco de sulfeto de zinco ou de cálcio, e previamente expostos à luz solar, elétrica, ou à do magnetismo em combustão.
4. O luar.
5. A luz viva é inactínia. Virtualmente, ela não tem efeito sobre as formações mediúnicas. Ela é fabricada por alguns animais, vegetais e micróbios. Nós o indicamos a título documentário.

Observação. O emprego da luz comum do dia é possível após um treino prévio e prolongado do médium.

d) *A temperatura*

Esta deve ser regulada segundo as indicações do médium, mais ou menos sensível à sua ação.

e) *Estado higrométrico da atmosfera*¹¹

Alguns experimentadores pensam que o vapor de água em suspensão no ar permite uma dispersão fácil das forças psíquicas (por analogia à dispersão do fluido elétrico).

f) *O silêncio*

A ausência de todo ruído permite uma concentração mais fácil do pensamento no começo da sessão.

g) *Estado de espírito do médium e dos assistentes*¹²

A intensidade dos fenômenos sendo essencialmente variável segundo o estado de espírito do médium e dos assistentes, é recomendável de cercá-

¹⁰ Gustave Geley, *Ectoplasma e Clarividência*, págs. 12 a 16 e 198.

¹¹ *Idem*.

¹² Léon Denis, *No Invisível*, págs. 108 a 110, 112, 115, e 120. Allan Kardec; *O Livro dos Médiuns*, pág. 97; Gustave Geley, *Ectoplasma e Clarividência*, págs. 8 a 10.

lo, sem se separar de certo espírito crítico não aparente, de uma ambiência favorável marcada de franca simpatia. Eis por que é bom se cercar de colaboradores sérios cuja pureza de intenção é indiscutível.

Uma atitude hostil seria ultrajante para um médium honorável e causaria um enfraquecimento do fenômeno por causa da agitação emocional provocada no médium. Adotar uma atitude contrária à boa marcha da sessão seria expor o sujet a forças ocultas mistificadoras ou francamente perversas. De mais, é bom notar que o médium é por essência muito sugestionável e que o pensamento dos assistentes pode perturbar as manifestações, desorientar e influenciar desfavoravelmente o sujet.

Com a finalidade de neutralizar os pensamentos, em certos grupos, recorre-se à prece, que é um apelo telepático às forças superiores.

h) *Papel da vontade*¹³

No médium: A boa vontade do médium secunda os espíritos na impulsão dada aos fluidos.

Nos assistentes: A vontade dos assistentes deve se traduzir por um apelo intenso às forças espirituais superiores e não por um desejo muito vivo de obter uma manifestação pessoal, o que poderia, visto a falta de harmonia criada por esse estado mental, paralisar as manifestações em curso.

i) *O estado de saúde do médium*¹⁴

Andamento da sessão

Ver desenvolvimento página 120.

Renovação das sessões

Ver desenvolvimento do médium de materialização, pág. 123.

Gradação dos fenômenos a se obter

*1ª categoria*¹⁵

Raps. Materialização fluídica visível para os videntes: luzes azuladas – movimentos de objeto com leve contato das mãos.

*2ª categoria*¹⁶

¹³ Gustave Geley, *Ectoplasma e Clarividência*, páginas 2 e 3.

¹⁴ *Idem*, pág. 7.

¹⁵ Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, págs. 90 a 93 e 176.

Levitação de objetos sem contato – escrita direta (pedaço de lápis colocado entre duas ardósias lacradas) – vozes diretas (sem recorrer ao emprego dos órgãos vocais do médium).

3ª categoria ¹⁷

Materialização parcial e visível do corpo humano – materialização visível e total do corpo humano – desmaterialização e transporte de objetos.

Controle

Não podendo nada presumir das influências ocultas que o farão agir durante o transe (pensamento dos assistentes, sugestões de espíritos mistificadores, desejo inconsciente de reduzir o esforço) e poderão levá-lo à fraude inconsciente, o médium deve, em lugar de se mostrar ofuscado pelas medidas de controle, exigi-las ao contrário a fim de permitir sua honestidade ao abrigo de toda suposição nos casos duvidosos.

De todas as maneiras, os experimentadores são os únicos responsáveis¹⁸ de toda fraude consciente ou inconsciente da parte do médium ou dos assistentes, pois que a ineficácia das medidas de controle demonstra sua incompetência.

O controle deve ser inteligente, flexível e racional.

Ele é progressivo,¹⁹ o que quer dizer que convém se desejamos alcançar um resultado prático, deixar se desenvolver as manifestações em lugar de paralisá-las desde o começo por exigências intempestivas e prematuras.

Controle do médium ²⁰

Controle simples:

1. Exame das vestimentas.
2. Manuseio das mãos. Essa precaução é suficiente comumente para estabelecer a realidade do fato supranormal durante uma sessão

¹⁶ Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, págs. 98, 183, 188, 213.

¹⁷ *Idem*, pág. 105.

¹⁸ Gustave Geley, *Ectoplasma e Clarividência*, págs. 03, 22.

¹⁹ *Idem*, págs. 24, 25

²⁰ Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, pág. 111.

familiar. Não é o mesmo quando se propõe uma finalidade de propaganda, pés dos experimentadores colocados sobre os pés do médium.

3. Aplicação de faixas de tecido fosforescente sobre os membros do médium.
4. Amarração do médium (não recomendado).
5. Fotografia.

Controle instrumental a empregar exclusivamente em uma sessão científica de demonstração

1. Emprego, após controle, do aparelho fotográfico comum aberto durante toda a duração da sessão e fechado após combustão do magnésio.
2. Emprego do aparelho estereoscópico.
3. Emprego da corrente elétrica, ver descrição do aparelho elétrico do Doutor Schrenck-Notzing.²¹
4. Emprego de raios infravermelhos e ultravioletas. Doutor Osty.
5. Emprego de uma báscula sensível que indicará a diminuição de peso do médium durante a manifestação, do manômetro, da gaiola em treliça metálica lacrada, da rede de cordas de malhas apertadas etc.
6. Moldagem de membros materializados com parafina fundida em um balde de água quente.²²
7. Levantamento de pegadas na terra argilosa ou sobre uma superfície polida revestida de negrura de fumaça etc.

Em uma sessão científica, o experimentador deve poder provar que nenhum aparelho (ou nenhuma substância) pôde ter substituída aquela (ou essa) que tinha sido examinada antes da sessão. (Aposição de uma assinatura, coloração especial etc.).

Controle do local ²³

Todas as saídas devem ser lacradas. Controle das paredes e dos armários. Controle da mobília. Se for esse o caso, um experimentador pode solicitar uma sessão experimental em um local de sua escolha. O médium

²¹ Ver *Revista Metafísica de Paris*, março de 1927.

²² Gustave Geley, *Ectoplasmia e Clarividência*, pág. 240.

²³ *Idem*, págs. 197 a 305.

poderá pedir a aplicação do mesmo controle por medida de garantia.

Controle dos assistentes

A fim de se precaver contra-acusação de conivência ou mistificação da parte de algum assistente mal-intencionado, é evidente que o médium tem *o direito* e mesmo *o dever* de solicitar por sua vez o controle da assistência:

1. Fazer a corrente durante toda a duração da sessão.
2. Os assistentes são reunidos por uma pequena corrente encadeada.²⁴
3. Emprego da corrente elétrica.
4. Emprego de pequenas faixas fosforescentes costuradas nas vestimentas.

Condições desfavoráveis para a obtenção dos fenômenos²⁵

Físicas:

1. Falta de conforto para o médium (temperatura, assento).
2. Uma indisposição do médium.
3. A fadiga, esgotamento nervoso: abuso das sessões, uso imoderado do álcool etc.

(Ver condicionamento da sessão).

Psicológicas:

- 1) Depressão moral do médium.
- 2) A falta de passividade mental dos experimentadores.
- 3) Atitude desconfiada destes últimos etc.

Nomenclatura das matérias e menores objetos empregados em uma sessão ordinária

- 1) Telas fosforescentes.
- 2) Faixas de gaze fosforescente.
- 3) Fitas de magnésio.
- 4) Papel e lápis, ardósias etc.

Parte teórica

Os fenômenos físicos provam:

- a) Que o médium pode exteriorizar um fluido ou matéria fluídica viva²⁶

²⁴ Gustave Geley, *Ectoplasmia e Clarividência*, pág. 305 – ‘Manifesto dos trinta e quatro’.

²⁵ Léon Denis, *No Invisível*, pág. 64.

- (ectoplasma).
- b) Que a vontade de uma inteligência pode modelar essa matéria²⁷ (materialização).
 - c) Na maior parte dos casos, as inteligências diretoras do fenômeno se dizem ser os espíritos dos terrenos desencarnados e se fazem reconhecer²⁸ (materialização parcial ou completa).
 - d) Graças ao fluido mediúnico, a inteligência pode dissociar e reconstituir a matéria²⁹ (desmaterialização e rematerialização de objetos; fenômenos de transporte).
 - e) Os pensamentos dos assistentes têm uma repercussão sobre a intensidade do fenômeno.³⁰ A passividade mental da assistência é por isso necessária.
 - f) O fenômeno pode se tornar luminoso³¹ (fosforescente).

Principais objeções

- 1) Há trapaça da parte do médium ou dos cooperadores. Ver a resposta nº 2.
- 2) Há alucinação dos assistentes.³²
- 3) As pancadas (raps) têm sua origem em uma corrente elétrica e magnética.³³
- 4) Os fenômenos são produzidos pelo pensamento dos assistentes.³⁴

Resposta: nesse caso, os assistentes deveriam todos ter o mesmo pensamento, se elaborando ao mesmo tempo, o que é praticamente impossível.

5) Ação do pensamento subconsciente do médium, se informando por meio da leitura dos pensamentos³⁵ (comunicações mentais).

²⁶ Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, págs. 106 a 111; Gustave Geley, *Ectoplasma e Clarividência*, págs. 198 a 205.

²⁷ *Idem*.

²⁸ *Idem*.

²⁹ Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*.

³⁰ *Idem*; Gustave Geley, *Ectoplasma e Clarividência*, página 20.

³¹ *Idem*, pág. 379; G. Delanne, *As aparições materializadas*.

³² Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, pág. 40.

³³ Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, pág. 71.

³⁴ *Idem*, pág. 45.

³⁵ *Idem*, págs. 46 a 73; Ernesto Bozzano, *A propósito da introdução à metafísica humana*, págs. 143 a 212.

Resposta: essa objeção está incompatível com os fatos, já que certas revelações eram totalmente ignoradas nesse momento pelos assistentes ou em oposição formal com seus pensamentos.

6) O espírito do médium sabe tudo e um pouco de tudo (onisciência, onipotência) quando ele entra em contato com o plano do pensamento transcendental.³⁶

7) Os fenômenos são produzidos pelo demônio.³⁷

Resposta: Que pensaríeis vós de um pai de família que deixasse seu filho à mercê dos exemplos e conselhos perniciosos e afastasse dele as pessoas que o desviariam do mal? O que um bom pai não faria, deve-se pensar que Deus, que a bondade por excelência, fizesse menos do que faria um homem?

Esse pensamento seria sacrílego (Allan Kardec).

Sessão psíquica (em grupo privado)

Objetivo

- 1) Recolher as provas materiais e intelectuais da identidade espiritual.
- 2) Instruir-se de seu estado quando sua sinceridade está claramente demonstrada no curso das manifestações.
- 3) Tirar conclusões filosóficas.
- 4) Levar ajuda aos sofredores por conselhos e preces.
- 5) Receber os conselhos morais da entidade diretora.

Os médiuns

O médium de efeitos intelectuais é uma pessoa cujo perispírito exteriorizado recebe mensagens sob forma de clichês telepáticos ou que combina o controle de seus centros nervosos com uma entidade estranha.

Espécies:

1. Médiuns psicógrafos (escreventes com ou sem prancheta).
2. Médiuns falantes.
3. Médiuns de incorporação (nesse caso, o estado inconsciente é mais

³⁶ Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, pág. 47; Léon Denis, *No Invisível*, págs. 442 a 452.

³⁷ Léon Denis, *No Invisível*, pág. 442 a 452

- ou menos pronunciado).
4. Médiuns videntes.
 5. Médiuns clarividentes, cuja lucidez pode se exercer no passado, presente e futuro.
 6. Sonâmbulo natural (há então exteriorização do perispírito), etc.

Condicionamento da sessão

- a) Número de assistentes: não deve ser ilimitado.³⁸

Com o objetivo de se obter mais facilmente a harmonia dos pensamentos e a simpatia mútua entre os assistentes, convém não aceitar senão um número restrito de pessoas ao mesmo tempo (uma a duas) sob reserva da aprovação da entidade diretora da sessão.

Em caso de solicitações muito numerosas, pode-se então formar um segundo agrupamento, e colocando aí à frente um experimentador instruído e com muita prática de sessões. Esse novo grupo seria todo em princípio um grupo de desenvolvimento de médiuns, com a colaboração de um médium já desenvolvido.

- b) Número de médiuns: todos os assistentes podem ser médiuns em diversos títulos.
- c) Claridade comum, mas tênue: a penumbra é propícia ao recolhimento.
- d) Temperatura. Ver sessão de efeitos físicos.
- e) Estado higrométrico da atmosfera. Ver sessão de efeitos físicos.
- f) Atitude a ser observada pelos assistentes. Ver sessão de efeitos físicos.
- g) Papel da vontade do médium. Idem.
- h) Saúde do médium. Idem.
- i) Influência do meio.³⁹

Organização da sessão psíquica⁴⁰

Antes:

- 1) Leitura da ata da última sessão com comentários.
- 2) Leitura moral: duração ¼ de hora. Vantagens: acalma o pensamento.

³⁸ Léon Denis, *No Invisível*, pág. 121.

³⁹ Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, págs. 294 a 297.

⁴⁰ Léon Denis, *No Invisível*, pág. 119.

Criação de uma boa ambiência (pensamentos elevados e simpáticos).

Durante:

1) Prece:⁴¹ ato de humildade e apelo telepático às forças superiores. Ela é de curta duração, a fim de que a atenção seja mais concentrada e seu efeito mais poderoso.

A boa ambiência é mantida durante a sessão não por uma prece frequentemente repetida, mas pela leitura tranquila e mental de uma moralização geral.

2) Experiências de psicometria (duração de 15 minutos) e de vidência.

3) Experiências mediúnicas com sujeitos desenvolvidos.

a) Comunicação mediúnica da entidade diretora (guia). Essa entidade deve previamente dar provas de elevação moral e de clarividência espiritual durante as sessões de formação do grupo.

De ordinário, por razões de afinidade fluídica, intelectual e moral, a entidade diretora prefere antes um médium a outro.

b) Comunicações diversas e espontâneas obtidas por diferentes médiuns, *permitidas e dirigidas pelos guias espirituais*. Controle prévio dos videntes.

Não tolerar a algazarra ou a confusão proveniente de manifestações numerosas e barulhentas.

O contrário seria tolerar a intrusão de forças contrárias e lançar o descrédito sobre o espiritismo todo.

É desejável ter uma manifestação de cada vez, o que é possível com médiuns educados e em uma boa assistência espiritual.

O chefe do grupo pode solicitar uma comunicação probante em favor de um assistente.

4) Controle dos espíritos inferiores e por vezes moralização. Ver mais adiante.

5) Prece.

Após:

Leitura das comunicações primeiros comentários sugeridos por seu conteúdo. Provas coletadas.

⁴¹ Léon Denis, *No Invisível*, pág. 144; *Coletânea de preces espíritas. O Farol* (sede da U.S.B.); Allan Kardec, *Preces e Meditações*.

Duração da sessão

1 hora e meia no máximo. Passado esse intervalo, os espíritos dos assistentes estão fatigados, o contato espiritual se relaxa e as manifestações se alteram.

Controle da identidade do espírito

Controle de sua personalidade terrestre:⁴²

- A. Indicações dadas espontaneamente: aceita para inventário, a sinceridade do espírito pode ser tomada na falta no curso de uma conversação com ele.
- B. Indicações solicitadas: aqui, é necessário fazer uma distinção que tem sua importância.

Primeiro caso: O espírito que se apresenta não tem consciência de seu estado real.

A perturbação física que segue imediatamente a morte não é ainda dissipada. Nesse momento, não se pode obter dele nenhuma indicação de alguma importância; o médium ressentido, entretanto, as dores que precedeu o trespasse.

Às vezes a perturbação física é dissipada e deixa lugar a uma perturbação mental e moral: as intensidades de sinceridade do espírito que busca seu caminho são muito difíceis de simular e prometem manifestações ulteriores plenas de interesse (moralização do espírito).

Segundo caso: o espírito conhece seu estado.

- a) Ele é pouco evoluído. Suas manifestações são de ordem inferior. Toda tentativa de identificação terrestre não pode ser tentada, senão após uma moralização clara, adequada ao gênero do espírito.

Se o espírito se obstina a se manifestar pelo mesmo médium malgrado a moralização que foi feita, se abster da mediunidade e se fazer desprender-se por um médium curador magnetizador.

É raro, no entanto, que se obtenha bons resultados, pois é comumente quando o espírito vê mais claro em sua situação que é confusa e se furta a toda identificação (caso de obsessão).

- b) O espírito é de uma certa evolução.

⁴² Léon Denis, *No Invisível*, pág. 65 e 128.

Se a manifestação se dá perto da desencarnação, as indicações são frequentemente decisivas e se obtêm rapidamente.

As revelações podem sofrer alterações produzidas por uma dificuldade muito grande encontrada durante a transmissão das mensagens (causada pela falta de passividade do médium (médium imaginativo), pela falta de afinidade moral ou intelectual etc., (ver Condicionamento da sessão).

A fim de não desencorajar esforços reais empreendidos por nossos amigos invisíveis, é bom de lhe dar crédito e reservar seu julgamento para uma sessão ulterior.

Para evitar as mistificações sempre possíveis, o prazo acordado não deve ser excessivo, se o médium está realmente à altura de sua tarefa.

Em princípio, as melhores provas de identidade se obtêm quando um laço fluídico ou simpático possa unir o consulente ao espírito (estado de relação).

Controle da elevação espiritual do espírito ⁴³

a) *Indicações fornecidas pelo Espírito.*

Pode-se fazer que o comunicante tenha evoluído fortemente no plano espiritual e não tenha lembrança triste que o ligue à sua existência terrestre.

Convém então não exigir esse trabalho penoso e se limitar a um controle de elevação espiritual da entidade.

Isso, com efeito, não deverá jamais ser separada de uma certa nobreza de caráter, se despenderá bons conselhos, colaborará na cura de doentes para os quais ela será solicitada; sua sensatez e sua clarividência se exercerão em toda ocasião; ela combinará sua ajuda espiritual e fluídica a todos os infelizes; em uma palavra, ela fará irradiar seu amor sobre todos os seus protegidos, os esclarecerá com um ensino espiritual, tolerando as trocas de vista corteses.

Em resumo, os espíritos evoluídos devem ser claridentes primeiro, lúcidos em seguida.

É sobretudo no desenvolvimento dos médiuns que é preciso controlar severamente as entidades, a fim de eliminar as que, sob uma aparência de

⁴³ Léon Denis, *No Invisível*, págs. 73 e 74; Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, págs. 334, 335, 337 a 342

bonomia e boa vontade, monopolizam os médiuns, os fascinam lisonjeando-os, a fim de fazê-los instrumentos dóceis e de os perder mais facilmente.

Jamais um espírito evoluído impõe seus pontos de vista. Respeitando vosso livre-arbítrio, ele cede voluntariamente seu lugar aos outros espíritos desejosos de se comunicar.

b) *Indicações fornecidas pelo guia da sessão.*

Este dá algumas indicações que esclarecem o chefe do grupo. Este último dirige e informa suas ajudas quando há várias manifestações espontâneas por diferentes médiuns.

Papel do guia e espíritos protetores

Velar pela segurança dos médiuns.

Informar o chefe de grupo tudo deixando exercer seu livre-arbítrio e o da entidade.

c) *Indicações fornecidas pelo médium.*⁴⁴

Sensações ressentidas no começo e durante a manifestação

Longe de ser um instrumento passivo, o médium não deve se entregar a uma força que sente hostil ou perversa senão após indicação do guia, com o objetivo de se reservar para os sofrendores que demandam assistência e os espíritos bem-intencionados. É com esse objetivo que ele deve exercer sua sensibilidade.

Visões: Durante a mensagem, o médium percebe às vezes um clichê que trai a entidade que o influencia.

Sensações e visões devem ser comunicadas ao chefe de grupo desde que o médium pode fazê-lo.

d) Controle do vidente. Antes de servir ao controle, o vidente tem a obrigação de ser estudado de perto com a finalidade de determinar sua faculdade.

As visões podem resultar da percepção:

- de clichês verídicos transmitidos às vezes pelos encarnados, mas mais frequentemente pelos invisíveis;
- de uma alucinação provocada pelo vidente muito imaginativo ou uma

⁴⁴ Léon Denis, *No Invisível*, páginas 424, 425; Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, págs. 327 a 333.

visão falsa provocada pelas forças inferiores que formam seu ambiente ou simplesmente os assistentes.

Em todos os casos, melhor querer se armar de uma boa lógica que de indicações de um vidente de formação qualquer que assiste ocasionalmente à uma sessão.

O vidente bem controlado por um guia pode render os maiores serviços.

Vários videntes devem escrever suas visões sobre cadernos especiais para comparação.

e) *Controle do clarividente*

É incontestável que um sujeito clarividente de uma certa estabilidade é da maior utilidade.

Controle dos ensinios⁴⁵

Até aqui, temos tentado estabelecer a identidade terrestre e espiritual do espírito.

Convém, no presente, estudar as revelações que ele nos transmite.

É preciso notar, entretanto, que a evolução em direção à perfeição se estende ao infinito, todo espírito não possui senão uma parcela de verdade frequentemente cercada de uma multidão de erros devidos à sua ignorância relativa sobre tudo o que não é de sua competência e de que todo ser é afligido sobre um ponto especial. As deformações provindas principalmente das ideias particulares do médium são ainda de se temer.⁴⁶

É porque convém não aceitar senão com reserva tudo o que é ensinado por todas as entidades situadas aparentemente sobre o mesmo plano de evolução moral.

Um novo ensino não deve ser aceito senão após ser confirmado por mensagens numerosas obtidas em meios diferentes, durante um período de tempo bastante longo e após controle da identidade espiritual dos espíritos instrutores.

A discussão crítica⁴⁷ de uma nova revelação provoca uma reação no mundo espiritual e o atraso trazido à sua recepção no plano terrestre

⁴⁵ Léon Denis, *No Invisível*, págs. 129, 130, 295, 459 a 462.

⁴⁶ *Idem*, pág. 299; Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos*, págs. 266, 269 e 276 a 281

⁴⁷ Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, pág. 336.

favorece a eliminação das alterações da imaginação e contribui assim para tornar-se mais deslumbrante.

Em princípio, será lógico não adotar um novo ensino senão se ele estiver conforme à lei de amor e após as revelações que fazem menção dele terem sido submetidas à análise comparada.

Papel do médium nas comunicações espíritas

No estudo das comunicações mediúnicas, é sempre preciso ter em conta que elas trazem o mais frequentemente em si mesmas traços da personalidade intelectual do médium. É porque é recomendado focar sua atenção sobre o fundo mais do que sobre a forma das mensagens.

Conselhos

Aos experimentadores ⁴⁸

1. Ser assíduos.
2. O desejar obter a qualquer custo e imediatamente provas tangíveis ou narrativas sensacionais os tornaram responsáveis pelas mistificações e desencorajamento dos médiuns.
3. Para ser aceito, o novo assistente deve possuir algumas noções teóricas sobre o Animismo e o Espiritismo.
4. Toda sessão, como toda organização que se respeite, deve ter uma base moral (solidez da organização) um objetivo humanitário (justificação de sua existência) e ser dirigida com inteligência (proteção dos médiuns contra a obsessão e resultados tangíveis).
5. Se abster de evocações imperativas, a fim de não prejudicar na evolução espiritual do espírito chamado ardentemente à terra.⁴⁹

Médiuns

1. Estes não devem, sem necessidade urgente, mudar de grupo pois que o chefe de grupo não deve tanto quanto o possível, para não perder tempo, conhecer o passado mediúnico do novo sujet. Ademais, o

⁴⁸ Léon Denis, *No Invisível*, pág. 136.

⁴⁹ Allan Kardec, *O Livro dos Médiuns*, pág. 354.

médium se arrisca a ser desorientado, a perder toda confiança e o desenvolvimento de sua mediunidade sofrer um atraso apreciável.

2. O recém-chegado habituado a outros métodos, é sempre uma causa de perturbação nas sessões onde for agregado.
3. Sob pretexto caritativo, o médium não deve monopolizar a recepção de entidades inferiores⁵⁰: há nisso o perigo de más companhias. As influências inferiores reforçam as taras morais do indivíduo e seus fluidos impuros alteram os órgãos dos médiuns presunçosos que se creem bastante fortes para os receberem.

O bom médium é aquele que é capaz de receber *todos os gêneros de entidades*, dando predominância às entidades elevadas.

Aos moralizadores

1. Evocar o espírito sem obrigá-lo.
2. A melhor moralização é a que se apoia em uma comiseração afetuosa, uma simpatia vibrante.
3. O espírito sincero solicita esclarecimentos.
4. O moralizador deve dar prova de lógica e de firmeza.
5. Respeitar o anonimato quando a boa vontade e a sinceridade são manifestas.
6. Confrontar de tempos a tempos as indicações de diferentes médiuns.

Os grupos públicos ⁵¹

Estes têm a grande vantagem de popularizar o Espiritismo, mas, a renovação contínua de assistentes perturba o ambiente propício às manifestações superiores, esgota os médiuns em pura perda, traz fortes desilusões aos novatos, ocasiona a desorganização, senão a dissolução do grupo.

Esse estado de coisas é contrário a uma sadia compreensão da propaganda espírita, que deve estar ao abrigo de todo descrédito.

Uma sessão malconduzida desanima as pessoas sérias, desejosas de ter um primeiro contato com o mundo espiritual.

⁵⁰ Léon Denis, *No Invisível*, págs. 418, 419.

⁵¹ *Idem*, págs. 116, 121.

Melhor vale dois grupos de dez pessoas do que um grupo reunindo um maior número de assistentes.

A propaganda se faz mais utilmente por meio de sessões de demonstração com sujeitos clarividentes ou oradores experientes nesse trabalho. Ver Sessão de demonstração.

Parte teórica⁵²

As sessões psicológicas permitem estabelecer:

1. A dualidade do ser humano (corpo e alma).
2. As faculdades da alma.
3. A sobrevivência do espírito e perenidade da individualidade.
4. A existência do mundo espiritual.
5. A sanção da lei moral aplicada a todos os seres.
6. A vida espiritual: diferentes ordens de espíritos, seus estados, suas ocupações, suas evoluções progressivas, as transformações da personalidade.
7. A intervenção dos espíritos no mundo corporal.
8. As leis universais: a lei de afinidade, lei do trabalho, lei de solidariedade, lei de conservação, lei de reprodução, resumidas na *lei de amor*.
9. O objetivo da encarnação terrestre.

Sessão de moral e de iniciação espiritual (em grupo privado)

Pouco a pouco, os membros de uma sessão psicológica adquirem uma convicção sólida da realidade dos fenômenos espíritos.

A pesquisa da identidade terrestre não é por isso tão mais imperativa. As aspirações espirituais se avivam e se mantêm por uma preparação intelectual e moral mais profunda. Elas se manifestam por uma ação caridosa sob todas suas formas.

A faculdade dos médiuns se afina e estes se tornam mais sensíveis às comunicações superiores.

⁵² Allan Kardec, *O Livro dos Espíritos*.

Nesse momento, o controle da identidade terrestre (aparência física, fatos da vida diária) deverá ceder o passo ao controle de elevação espiritual. Ver sessão psicológica⁵³ moralidade do espírito e ensinamentos recebidos.

Respondendo ao desejo de se instruir, esse gênero de sessão autoriza mais facilmente, se o nível intelectual da assistência o permite, a discussão filosófica e dá a faculdade de empreender trabalhos de maior envergadura.

Um certo lugar deve quando mesmo ser reservado aos espíritos que têm necessidade de nossa ajuda.

O contraste das manifestações é aliás altamente significativo.

Sessão demonstrativa ou de propaganda para a vulgarização do espiritismo

Objetivo

Provar a realidade do fenômeno psíquico e espírita e conduzir o público ao estudo teórico e experimental das manifestações supranormais.

Organização

Sessão com médium orador

1. Preparação do público por uma conversação científica e moral sobre um assunto espírita.
2. Recolhimento ou prece.
3. Conferência mediúnica por médium orador ou demonstração pela clarividência.
4. Recolhimento.
5. Curtos comentários relativos aos resultados obtidos.

Assuntos de conversações

- a) O Espiritismo e seu papel providencial.
- b) A alma e suas faculdades supranormais.
- c) As provas da sobrevivência: objeções e respostas.
- d) A vida espiritual.

⁵³ Léon Denis, *No Invisível*, págs. 295 a 297.

- e) Nossas relações como os desencarnados; filosofia.
- f) O objetivo da vida terrestre; a evolução; a reencarnação dos seres imperfeitos; as provas etc.

Sessão com médium clarividente

1. Leitura do processo verbal da sessão precedente.
2. Leitura moral com comentário ou conversação sobre um sujet espírita.
3. Cantos espíritas e preces espaçadas por uma meditação.
4. Clarividência.
5. Comentários relativos aos resultados obtidos.
6. Preces.

Sessão de desenvolvimento mediúnico (em grupo privado)

Essa sessão se distingue das outras pelo fato que ela não se compõe *unicamente* senão de pessoas desejosas de desenvolver suas faculdades. Ver precauções a tomar, página 23.

Esse desenvolvimento deve ser regulado por um *controle rigoroso* que prevenirá a obsessão e trará à luz os dons mediúnicos verdadeiros, isto é, aqueles que se confirmam por fatos indubitáveis não conhecidos dos alunos.

Em princípio, o aluno médium deve ser *muito severo* para tudo o que vem por seu intermédio e pensar que ele é melhor nada obter do que adulterado ou mau.

Uma vez desenvolvido, o médium deve saber que ele tem uma missão *muito importante* a cumprir e que ele não pode se prestar a experiências senão com pessoas sérias cujas intenções superiores, científicas e morais são bem estabelecidas.

Classe de médiuns de efeitos intelectuais

Organização

Antes da sessão propriamente dita, os alunos exercem sua

sensibilidade psíquica fazendo telepatia.

Duração: meia hora.

Sessão:

1. Preces e leituras espiritualistas.
2. Exercícios de psicometria (como a telepatia, a psicometria constitui um excelente exercício de flexibilidade mediúnica).

O aluno estando assim habituado a *tudo dizer e tudo controlar terá avançado em sua prática do lado experimental da mediunidade.*

Ele compreenderá assim que a mediunidade não é um oráculo quase infalível e aceitará as possibilidades de erro sem desanimar.

3. *Tentativas de vidência.* (O aluno escreve sobre um caderno o que ele vê).
4. *Tentativas de incorporação* (Médium escrevente, orador etc.)
Antes de exercitar completamente a empreitada espírita, o aluno informará ao chefe da sessão sobre as impressões que ele resente.
5. Preces. Agradecimentos.
6. Estudo crítico dos resultados pelo presidente de sessão.

Classe de médiuns de efeitos físicos

O futuro médium de efeitos físicos é frequentemente o médium tiptólogo.

1. Preces.
2. Tentativas de tiptologia que dão indicações sobre o ambiente espiritual da sessão.

Duração: meia hora.

Os assistentes testam seus dons por grupo de quatro.

3. Se as tentativas são encorajadoras, pode-se tentar uma sessão na obscuridade.
4. Pode-se alternar a sessão de materialização com as tentativas de fotografia transcendental ou espírita.
5. Preces.

Conclusões

Como se vê, o método espírita é positivo e exige a análise comparada de mensagens para as distâncias e os pontos de contato, para determinar as leis espirituais que limitam a ação do ser humano; ela é uma aplicação do método racionalista, científico. Ela nasceu do método indutivo dedutivo empregado em psicologia experimental.

Entretanto, a filosofia que se desembaraçar das relações entretidas com o mundo espiritual, colocado sob toda a potência de uma força inteligente e organizadora do Universo (DEUS), mostra a dependência absoluta do ser em direção ao seu Criador e exige que as relações entretidas que dá ao Espiritismo seu caráter religioso.

O método espírita não pode, todavia, ser taxado de misticismo que é, em resumo, a capitulação completa da razão diante de uma revelação de fonte transcendental.

A prática do misticismo exige uma preparação especial seguida por uma cultura religiosa apropriada e condições de meio que nossa civilização trepidante não outorga à grande maioria dos humanos.

Desse fato, as práticas místicas empreendidas no objetivo orgulhoso de adquirir poderes e um desejo inconsiderado de conhecer, podem conduzir o indivíduo muito presunçoso a um desequilíbrio mental (loucura mística), causado pela ação sobre o ser humano de forças obscuras que invadem e abusam, falta de controle, de suas faculdades psíquicas desenvolvidas inconsideradamente.

PESQUISADOR,

Te instrui...

Experimenta...

Medita...

E Ora...

Mais sobre José Lhomme no site

[Autores Espíritas Clássicos](#)



Autores Espíritas Clássicos